



EDITORIAL

A PRIMEIRA PROVA

Embora muito distantes dos objectivos que tínhamos em mente quando tomamos conta do Jornal, somos forçados a registar e a agradecer com satisfação as inúmeras manifestações de apoio que temos recebido dos mais diversos sectores da população espinhense.

O apelo que fizemos na Assembleia Geral aos sócios da EMPES — sociedade que se criou e sacrificou para manter a «Defesa» — excedeu de longe todas as expectativas. Mas, para além disso, de diferentes lados nos vieram atitudes e ajudas materiais que nos permitem dizer, ao contrário do que antes se afirmou, que o Jornal não morrerá.

Aumenta, de semana a semana, o número de novos assinantes. É surpreendente o número de assinantes recuperados, tanto dos que se limitavam a devolver os recibos que lhes eram enviados e, depois, apresentados pessoalmente, como dos que chegaram a solicitar por escrito o cancelamento da sua inscrição. São incontáveis as palavras de alegria e de aplauso.

Tudo isto reforça a convicção, que já tínhamos, de que mau serviço prestaram à Revolução Portuguesa os que se venceram de que a originalidade do processo revolucionário consistia em impor aquilo que eles, em sua opinião, consideravam a solução ideal para o Povo Português.

O monolitismo, a intransigência, a força dos braços erguidos, dos clamores de rua ou das armas, a violência das palavras, das bombas ou das balas, o ódio, o insulto, descarado ou camuflado, a imposição de caminhos, a proclamação sistemática de uma doutrina, no estilo das lavagens ao cérebro ou das campanhas de dinamização da 5.ª Divisão de triste memória, são soluções às quais o povo, de todas as camadas, é alérgico e que por isso ele na sua generalidade repele.

Quantos erros cometeram pessoas que tinham o especial dever de se não deixarem cair neles!

As cenas que se seguiram à maravilhosa Revolução dos Cravos, com o aparecimento e infiltração dos oportunistas, dos democratas de aviário, dos super-ultra-progressistas, de políticos de trazer por casa, de reivindicações absurdas, de ocupações e de greves monstruosamente selvagens, de autênticos roubos, de prisões arbitrarias, de saneamentos de pessoas dignas, mais verticais, impolutas e corajosas do que os que mais se agitaram para as eliminar, seriam espectáculo para rir, se não fossem as suas consequências trágicas, que hoje todos sentimos na carne e podemos vir a sentir muito mais ainda.

A tragicomédia parece encaminhar-se para a cessação. Pelo menos, a sua intensidade diminuiu tão sensivelmente que os portugueses respiram mais fundo e não escondem o alívio e a satisfação que sentem. E oxalá que as coisas se encarrem para com serenidade e firmeza podermos andar para a frente na construção da democracia feliz — livre e justa — que desejam quanto vivem do seu trabalho e querem viver e trabalhar sem náuseas, com segurança e sem preocupações quanto ao futuro.

«DEFESA DE ESPINHO» não é, nunca foi nem alimentou pretensões a ser um jornal com projecção no País: com perfeita noção da sua capacidade e das suas possibilidades, é essencialmente um jornalzinho de província, voltado aos problemas locais. Os espinhenses querem ver no seu Jornal expostos e defendidos os problemas locais que são muitos e de difícil solução; e os que vivem longe da sua terra, querem que o Jornal alimente o seu contacto com ela. Para o mais, não faltam publicações em Portugal, podendo dizer-se, até, que as temos a mais.

(Conclui na pág. 2)

VISOR



No Bairro Piscatório o quadro habitual. Muitas crianças e alguns adultos. Ao sol, para aquecer, de cócoras, nos passeios formados por camadas estratificadas de areia e porcaria. Crianças semi-nuas, sujas, abandonadas. Os menos pequenos tomam conta dos mais pequenos enquanto os mais vão angariar parte do sustento. Centenas de crianças que não têm patronato, nem infantário nem os carinhos que necessitam. Nem muitas coisas mais...



“DE” na Checoslováquia

RETALHOS DUMA VIAGEM (1)

Do nosso enviado-especial CARLOS SÁRRIA

De regresso a Espinho, após cinco dias pelo mundo, durante os quais quase uma trintena de espinhenses pisou três países — Checoslováquia, Austria e Suíça — e cumpriu um programa desportivo e social, aqui estamos, conforme o prometido e como é de inteira obrigação na nossa qualidade de enviado-especial «DE» — pela primeira vez a «cobrir» uma deslocação de espinhenses ao estrangeiro —, a trazer-lhes o relato pormenorizado (em tom leve) da deslocação.

Esperamos e desejamos ter sido, claros e objectivos nos nossos apontamentos — já que realistas e verídicos o seremos — como aguardamos, também, que as pessoas nos saibam ler.

O grande azarento desta viagem foi, sem dúvida, o Eng.º Arménio Gomes. Uma gripe, «chata» e inoportuna, privou-nos da companhia do chefe da comitiva.

A sua falta foi sentida por todos, já que o Eng.º Arménio Gomes é das tais pessoas que faz, realmente, falta.

★

Recordo: de véspera, estive lá em casa e senti o seu desgosto. Mas, eu fiquei duplamente desgostoso. E que além do mais, aquele nosso Amigo era um precioso auxiliar para a reportagem. E quantos elementos já tinha coligido!

Fica para a próxima, Eng.º Arménio Gomes! E vamos lá ver se eu, só, consigo dar conta do recado.

★

Eram 6,30 horas da «madrugada», quando, na 6.ª-feira, comecei a concentração junto à Sede do SCE.

Boa disposição geral, com o Fernando Correia cheio de espírito. Alguns demonstravam bem quanto aquela hora era imprópria para consumo. Alguns atrasos

ligeiros, para ser castiçamente à portuguesa.

★

A caravana foi arrancando para o Porto, dando a A.A.E. uma ajuda com a sua carrinha e o Adriano a dizer mal da vida. Aquela hora! Não se faz! As 7,30 horas todo o mundo no Aeroporto de Pedras Rubras a entregar a bagagem.

Em seguida, a sacramental espera, com a malta em «bate-papo» ameno, e em grupos, formados entre os 28 viajantes, sendo 8 senhoras e o resto homens.

D. Henriqueta e Romeu Vitó; D. Maria Manuela e Júlio Silva; D. Ilda e Carlos Sárria; D. Maria Augusta e José Cadete; D. Eusébia Fardilha e D. Maria Augusta Paula; António Octávio (Toninho) e Tomás Sousa; D. Fernandina e Carlos Ferreira; José Jesus e António Castro; Rolando Sousa e Francisco Pinto; José Paula e Fernando Correia; Carlos Xabregas e Luís Resende; Rui Azevedo e Alberto Salvador; D. Astrid e Carlos

(Continua na página 5)

NESTE NÚMERO:!

AQUI CARACAS — ERNESTO COUTO	pág. 2
EXAME DE CONSCIÊNCIA — VIRGÍLIO LACERDA	pág. 4
VOLEIBOL: E CONFRATERNIZAÇÃO ESLOVACA-PORTUGUESA	pág. 5
MIGUEL LARANJEIRA — ESPINHO ANTIGO	pág. 10

DEFESA DE ESPINHO

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA DE
PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.Redacção e Administração
RUA 19 — N.º 62
TELEFONE, 921525
AVENÇADOComposição e Impressão
OFICINAS GRÁFICAS DA
CASA NUN'ALVARES
PORTO

Aqui Caracas!

CONVERSANDO...

O afastamento de considerados e efectivos colaboradores da «Defesa de Espinho» vinha-se desenhando frequentemente. Depois da formosa manhã do 25 de Abril de 1974 e durante considerável lapso, todos eles, unidos e fiéis às suas linhas de pensamento e sentir, permaneciam arreigados às estruturas deste semanário. A evolução do tempo e os acontecimentos no nosso país teriam, em certa medida, exercido evidente «força» ideológica por parte dos responsáveis deste órgão, consequência que determinou o afastamento irrevogável de alguns dos seus valiosos colaboradores e suscitou, como é óbvio, volumosa onda de descontentamento entre muitos dos seus assinantes ou assíduos leitores. Em determinadas circunstâncias, chegou-se à polémica, recurso que nunca dignifica os seus intervenientes e muito menos se ajusta aos postergados interesses regionais, mais clara e objectivamente Espinho e seus meios rurais. Nós fomos um dos tantos que não alinhávamos na directriz então imposta à «Defesa», se

bem que, durante longos anos, lhe tivéssemos concedido contributo modesto. O absurdo, em muitos dos casos, exteriorizava-se na reprodução de recortes provenientes de outras publicações e que visavam uma só finalidade... de princípios e sentimentos! Os problemas da terra, necessariamente, eram postergados para se dar privilégio a «coisinhas» que envolviam críticas e derrotismo, que aliás em nada se coadunavam com a verticalidade e princípios de um paladino regionalista, que integralmente, de alma e coração, se deviam entregar à sua terra. Espinho-cidade, dentro dos muros que a delimitam e a dimensão territorial das suas quatro populosas e progressivas freguesias, justificavam matéria fértil, oportuna e útil para «escuar» as seis, oito, dez ou doze páginas da «Defesa», de parceria com a diversidade dos pontos de vista focados e analisados pela pleiade dos colaboradores deste jornal.

Como o tempo, envolvido na sua célere e imprevisível corrida, os ajustes e a evolução dos acontecimentos em Portugal, determinaram uma panorâmica diferente. Logicamente, os seus reflexos «atingiram» a «D.E.» e ditaram a sua lei... É evidente, coerente e admissível que qualquer jornal, pequeno ou grande na sua projecção, tem de acompanhar a vida nacional, quando esta, como no ressonante caso da nossa Pátria, recebe nova directriz e por via desse facto consolador, concede aos seus cidadãos o direito da liberdade e da expressão. Neste aspecto, sabemos perfeitamente interpretar e julgar o que é um país livre e democrático; o que é um país em que cada um dos seus filhos ou partidos, não abdicam da faculdade de criticar ou apoiar o que se lhes afigura digno ou injusto. Mas essa crítica, sempre baseada em moldes construtivos e eficientes, é cimentada em razões e fundamentada em factos, sobretudo na intrínseca defesa dos interesses do povo. Ela, não incide única e exclusivamente nas fileiras ou na simpatia de determinados partidos políticos. Visa, isso sim, a defesa intransigente dos sagrados interesses do povo e do país. Esta é a verdadeira democracia. Criticar o Presidente da República quando a sua determinação ou objectivo não sirvam os interesses da comunidade. Verberar os poderes públicos ou as autarquias locais, quando elas não se ajustem às realidades ou necessidades do povo. Mas nunca — nunca, repetimos — os órgãos de comunicação social se solidarizam com os partidos políticos. Facultam-lhes as suas páginas quando convocados para a divulgação dos seus pontos de vista, o que não significa a plena comunhão de princípios. Os jornais, a televisão e a rádio não se parcializam com as opiniões de outrém. Não foi este o caso da «Defesa de Espinho», cujos responsáveis de então abertamente denunciavam as suas intenções... Mas esse exagero assumiu proporções descomunais... Foi necessário «travar» essas investidas que inequivocamente estavam a gerar um verdadeiro conflito nacional. A discórdia, o acinte e, em muitos casos, a repulsa tornavam-se insustentáveis. Uma época houve — e foi longa — em que as pessoas se olhavam com indiferença e até com ódio. Injustificável e condenável acção ou critério. A política, como a vida privada, tem as suas alternativas. Isto, regista-se no desporto, no trabalho e em todos os sectores dependentes do homem, não é um fenómeno. Portugal sofreu a sua ansiada transição política. Da vida oprimida e vigiada, saltou-se à liberdade descontrolada. Por isso, as mutações foram contundentes. As «águias» com o poder das suas garras tentavam dominar tudo e a todos. As rédeas dos comandos mostravam-se flexíveis. Todos queriam mandar mas faltava-lhes pulso, experiência, bom senso e sentido comum. O ignorante convertia-se em político de eleição... Contraia ordens e poderes que significavam abuso e descalabro. Trabalhar menos e... ganhar mais! — o grave e condenável erro... Reivindicações, greves, ocupações, bombas, barricadas, incêndios, despedidos, desordens, comícios e desorientação absoluta e total. Anarquia desordenada para melhor encontrar a expressão. E enquanto toda a série de barbaridades ocorria, cada português estava a contrair responsabilidades. As leviandades assumiam o cúmulo. Poucos se importavam ou preocupavam com o futuro

Os velhos vícios

O hábito, baixo hábito, que alguns senhores empreiteiros têm de fazer render as adjudicações a que concorreram, é profundamente revelante de má formação cívica.

Nunca concordamos com o sistema baixo usado por esses indivíduos, convencidamente vivaços, muitas vezes apadrinhados por quem tem o dever (e o direito) de se impor, em protelar a seu belo prazer, trabalhos que, para além da sua pertinência, causam embaraços e prejuízos aos cidadãos que desejam (e têm direito) a um mínimo de comodidade pública.

Espinho está a passar por umas necessárias beneficiações dos arruamentos e passeios. É o caso da Avenida 24, e da Rua 19. Artérias de movimento desusado de veículos e peões o seu melhoramento têm em vista facilitar o trânsito permanente que as assoberbava. Pois habituados à rotina salaio que os beneficiava, os fazedores das obras dão-se ao desprate de arrumarem com pedras para cima dos passeios, deixarem as terras amontoadas e pararem os trabalhos por semanas, cientes da impunidade que os protege. As consequências que daí advêm são variadas. Desde o carro que resvala à topada no calhau, passando pela poeira no ar à queda no chão.

Podem, porque manda quem pode, mas não deve ser assim. O facto de haver um prazo para conclusão dos trabalhos não pode dar o direito a que os referidos fazedores de serviços públicos menosprezem os direitos dos seus semelhantes. É mais que tempo para cremar os velhos vícios...

J. J.

A primeira prova

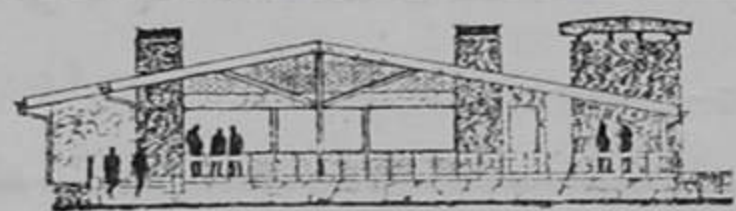
(Conclusão da 1.ª pág.)

Não significa isto, evidentemente, que o Jornal se desinteresse de momento que vivemos e de toda a série de problemas que se avolumam no País. A esse respeito, abrimos as nossas colunas aos partidos políticos e não abdicaremos do direito, que mais consideramos dever, de defender os princípios que determinaram o 25 de Abril e foram expostos no Programa do Movimento das Forças Armadas, publicado imediatamente após a Revolução, aplaudindo o que estiver bem e censurando o que de mal surgir. Assim colaboraremos com ele.

Estamos agora mais certos de que a generalidade dos nossos leitores deseja o Jornal assim e está, portanto, conosco.

Aqueles que daltonicamente confundem esta posição e lhe chamam reaccionária, diremos que se reaccionário é quem defende o Estado de Direito, a Ordem, a Justiça Social, a Independência, a garantia de emprego, e do futuro para todos, a condenação das bombas, das balas, das manifestações incontrolláveis de ruas e da sociedade baseada no ódio entre as pessoas, e quem ataca a prepotência, o totalitarismo e o caos económico, então teremos muito orgulho em que nos chamem reaccionários. E adiante.

AMADEU MORAIS



Restaurante
Snack — Discoteca
CABANA

TEL

CABANA — Sugere aos seus estimados clientes
SNACK-BAR — Pratos do dia económicos

2.ª Feira — Bacalhau à CABANA
4.ª Feira — Chispalhada c/ Feijão Vermelho à Transmontana
5.ª Feira — Frango de Caril à CABANA
6.ª Feira — Peixe à Portuguesa
SABADO — Papas de Sarrabulho com Rojões
DOMINGO — Pratos Especiais

TERÇA-FEIRA — DESCANSO DO PESSOAL
Preços especiais de OUTUBRO a MAIO
Aos Domingos — Matiné Dançantes

MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

de

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lírio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

Carlos Matos Viegas

MÉDICO

Clínica Geral

Boca e Dentes

Rua 19 n.º 364-1.º Dto. - Tel. 921024

DR.ª EMILIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16
às 19 horas

Dr. Rogério Ribeiro

Médico Especialista de Medicina
Física e ReabilitaçãoConsultórios: Rua 20 N.º 500-1.º
Telefone 921014 — ESPINHORua de Santa Catarina, N.º 778-1.º
Telefone 33868 — PORTO

J. Pinto Valente

MÉDICO

Com prática dos Hospitais de Paris,
doenças das senhoras, clínica geral
Avenida 8 n.º 238 — ESPINHOConsultas a partir das 15 horas
Marcações pelo telefone, 920183.

Oferece-se

Guarda-livros com muita prática ou

aceita escritas em regime livre

Resposta a este jornal a «Coelho»

"LEIA E ASSINE A DEFESA"

da Pátria e alcunhavam-se de patriotas. O fruto do seu «heroísmo» estava a cavar, minuto a minuto, a sepultura do país. A exploração desordenada erguia castelos no ar. Ganhar fabulosas somas de dinheiro, sem importar a sua proveniência e mérito, era o delírio. Um delírio exteriorizado contra o capitalista ou contra o patrão pobre. Não havia distinção. O patrão, rico ou pobre, tinha que solventar as endiabradas aventuras e exigências do trabalhador. Se não tinha dinheiro... era encerrado no «seu» escritório, onde tantas e tantas vezes deitou contas à sua vida para descortinar aonde conseguir capital para pagar os salários da semana. Nada disto importava aos «embriagados» pela obsecção do dinheiro. Insólitos e tristes acontecimentos foram vividos em Portugal. Alguns deles, teriam tido a sua justificação; outros, o diabo nunca deles se lembrou... Como português ausente — emigrante — senti profundamente as constantes oscilações da vida política do nosso país e cheguei a recear pelo seu futuro... Hoje, o clima é outro. Mais desanuviado, mais subtil, mais animador e mais promissor. Graças a Deus. Diz-se em gíria popular que depois da tempestade vem a bonança. Confirmou-se o adágio. Importa quem governe, sempre e quando se saiba governar. E esta prova irrefutável, digna, patriótica e carecida está a ser demonstrada por um homem valente chamado PINHEIRO DE AZEVEDO!

Ernesto Couto

ASSIM VAI A CIDADE

PAVIMENTAÇÃO

Na reunião camarária de sábado último foi aberto concurso público para adjudicação da empreitada de pavimentação das seguintes artérias da Cidade.

- Ruas 29 e 35 entre as Ruas 22 e 24 a cubos de granito.
 - Rua 37 entre as Ruas 2 e 8.
 - Rua 39 entre as Ruas 2 e 8.
 - Rua 4 entre o Campo de Futebol e a Rua 41.
 - Rua 43 entre a Avenida 8 e a Avenida 2.
 - Rua 45 entre a Avenida 8 e a Avenida 2.
 - Rua 6 entre as Ruas 43 e 45.
 - Rua 4 entre as Ruas 43 e 45.
 - Rua 2 entre as Ruas 43 e 45.
- Todas a pavimento betuminoso.

NASCIMENTOS

Em Espinho:

Carlos Humberto, filho de Humberto Carlos Morais Cruz e de Maria Alice da Silva Cruz.
Sérgio Manuel, filho de Afonso Marques Pinto e de Adelaide Cardoso Rodrigues Pinto.
Ana Sofia, filha de Fernando Tomás Nunes de Sousa e de Carolina de Jesus Araújo da Silva Sousa.
António Fernando, filho de António Joaquim Lourenço e de Palmira Ferreira da Costa Lourenço.

CASAMENTOS

Em Espinho:

Pedro Manuel Baptista de Oliveira com Maria Corina Baptista de Oliveira.
Joaquim Fernando Baptista de Oliveira com Maria José Gonçalves Azevedo.
Armando Pereira de Sá com Eugénia Maria Pereira da Rocha.

FALECIMENTOS

Em Espinho:

Clementina Domingues Mano, mãe de José Domingues Mano e Maria Helena Domingues Mano.
Manuel Ribeiro, casado com Glória de Jesus Cunha e pai de Abílio, Guilhermina e Arcínia Ribeiro.
Augusto José Bastos, de 85 anos, viúvo de Maria Gertrudes.
Antónia Francisco Gomes, de 94 anos, viúva de José Tavares de Oliveira.

Em Esmoijães:

José da Cruz, de 87 anos, viúvo de Ana de Sá Gomes.

Em Paramos:

José Gomes Pinto, de 90 anos, viúvo de Maria Gomes de Jesus.

Em Silvalde:

Fernando dos Santos Ferreira e Silva, de 72 anos, casado com Vitória de Amorim Laranjeira.
Maria Rodrigues Vinhas, de 79 anos, solteira.
Maria Alves Rodrigues, de 78 anos, viúva de António Pinto Loureiro.

★

As famílias enlutadas «DE» apresenta condolências.

MOVIMENTO DO PATRONATO DE ESPINHO DE 16/2/1976 A 23/2/1976

Infantário (De 1 mês aos 2 anos)	12
Jardim Escola (Dos 2 aos 6 anos)	335
Tempos Livres (Dos 6 aos 12 anos)	85
Total de Crianças	432
Sopas	331
Reteições Completas	95

MOVIMENTO HOSPITALAR DE 16/2/1976 A 23/2/1976

Internamentos gerais	32
Exames radiográficos	161
Crianças nascidas	19
Intervenções cirúrgicas	
Oftalmologia	1
Ortopedia	1
Cirurgia geral	10
Otorrino	12
Urologia	6
Serviço de urgência	
Homens	312
Mulheres	309

Internados entre outros

Norberto Manuel Costa Silva Graça; Maria da Conceição Ferreira de Sá; Maria Judite Sá Ribeiro.

TÍTULOS E ACÇÕES

DEPÓSITOS OBRIGATORIOS ATÉ 8 DE MARÇO

Devem ser depositados até ao próximo dia 8 de Março, de acordo com o Decreto-Lei n.º 108/76, os títulos relativos aos fundos de investimento (Fides e FIA) e as acções de sociedades nacionalizadas, segundo determinado numa nota oficiosa do Ministério das Finanças. A medida agora decretada tem como objectivo restituir aos titulares os benefícios e indemnizações, que venham eventualmente a ser estabelecidos por lei.

Ferreira de Campos Dulce de Oliveira Campos

Advogados

Rua 11 n.º 877 — Telef., 922210
ESPINHO

Terrenos

Vendem-se em lugar bem localizado alguns terrenos com área para construir bairros

Falar das 13 às 16 horas, pelo telefone 920077

Leia e assinie a «Defesa»

Aos nossos assinantes

No intuito de regularizar as assinaturas em atraso vamos enviar, à cobrança, todos os recibos que temos em carteira.

Esgotada esta última tentativa deixaremos, com mágoa, de enviar o jornal a quem não satisfizer o pagamento.

Aos assinantes no estrangeiro pedimos o favor de mandar liquidar as suas assinaturas na nossa redacção até ao fim do mês de Março para evitar ter que proceder de igual modo.

CALISTA

Consultas em Espinho

9 às 13 horas — 14.30 às 19 horas

Telefone, 923178

Rua 25 n.º 48 — Todos os dias

Pinto de Matos

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos ossos e Articulações.

Rua 19, N.º 364-1.º - Telef. 921218
ESPINHO

Dr. Aucíndio Valente

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças Nervosas e Mentais
RUA 20 N.º 500-1.º-TEL. 921014

Dias: 3.as e 6.as-feiras c/ h. marcada

FOTO DIN

Ex-Fotografia Pinho

FAUSTO & LEONEL, LDA.

Reportagens — Estúdio — Fotografia Industrial

Rua 19 n.º 198-2.º — Telef. 922267 — Apartado 124 — ESPINHO

Aluga-se Armazem

Rua 22 n.º 1 200

ESPINHO

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO B

Sexta-feira — FARMÁCIA SANTOS, Rua 10 n.º 263 — Telef., 920331.

Sábado — FARMÁCIA PAIVA, Rua 19 n.º 319 — Telef., 920250.

Domingo — FARMÁCIA HIGIENE, Rua 19 n.º 393 — Telef., 920320.

Segunda-feira — GRANDE FARMÁCIA, Rua 19 n.º 457 — Telef., 920092.

Terça-feira — FARMÁCIA TEIXEIRA, Rua 19, n.º 46 — Telef., 920352.

Quarta-feira — FARMÁCIA SANTOS, Rua 19 n.º 263 — Telef., 920331.

Quinta-feira — FARMÁCCIA PAIVA, Rua 19 n.º 319 — Telef., 920250.

S. PEDRO

Hoje, Sexta-feira, dia 27 — ONDE AS BALAS VOAM, com António Sabate e Marisa Mell — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Amanhã, Sábado, dia 28 — O COWBOY VIRGEM, com John Armond e Karen Lindsey — Interdito a menores de 18 anos.

Domingo, dia 29 — CASAMENTO DE PADRE, com Lando Buzzanca e Rossana Podesta — Para maiores de 18 anos.

Terça-feira, dia 2 — UM POR TODOS... TODOS POR UM, com Les Charlots e Catherine Sourdant — Para todos.

Quinta-feira, dia 4 — PIQUENIQUE, com William Holden e Kim Novak. Não aconselhável a menores de 13 anos.

CINEMAS

CASINO

(Sessões diárias às 15.30 e 21.30 horas).

Hoje, Sexta-feira, dia 27 — OS PECADOS EM FAMÍLIA, com Michele Placido e Simoneta Stefanelli — Para maiores de 18 anos. — Sessão às 21.30 horas.

Amanhã, Sábado, dia 28 — OS PECADOS EM FAMÍLIA.

Domingo, dia 29 — OS PECADOS EM FAMÍLIA.

Segunda-feira, dia 1 — OS PECADOS EM FAMÍLIA.

Terça-feira, dia 2 — OS PECADOS EM FAMÍLIA.

Quarta-feira, dia 3 — A ESCAPADELA — Para maiores de 18 anos.

Quinta-feira, dia 4 — VERIDIANA — Para maiores de 18 anos.

TABELA DE MARÉS

Dias	Baixa-Mar	Preia-Mar
28	09.19/21.19	03.06/15.29
29	09.41/21.44	03.42/16.02
1	10.04/22.10	04.15/16.33
2	10.29/22.38	04.47/17.04
3	10.56/23.07	05.18/17.34
4	11.24/23.38	05.49/18.03
5	11.55/ —	06.19/18.32

ALTURAS

28	0.79/0.82	3.39/3.23
28	0.69/0.69	3.48/3.32
1	0.62/0.61	3.53/3.36
2	0.58/0.57	3.52/3.35
3	0.59/0.60	3.45/3.29
4	0.66/0.69	3.34/3.18
5	0.78/ —	3.18/3.04

VIDA REGIONAL ANTA

A DROGA

Tema tratado no Liceu da nossa Cidade, no passado dia 13.2.76. Porque é um problema local, nosso, dos jovens, da época, do momento confuso, quis assistir ao desenrolar da feição médico-social, posta perante a nossa inteligência, o nosso bom senso, a nossa quase ignorância.

Não vou tecer mesuras ao orientador do colóquio, dado que o senti superior, mas alinhar sentimentos, ideias, perigos, revoltas, inquietação, ruína, morte, para concluir ou para avisar o meu semelhante.

Na verdade os nossos prados, vivos, variegados, belos, pisados pelos nossos pés, traçados pelas dentuças de bois, vacas, carneiros, ovelhas, chibos, cabras, coelhos, coelhas, e mais um ror de outros animadores da natureza, são o sacrário da nossa vida.

Neles, os prados, vicejam, irremediavelmente, as ervas daninhas e as ervas benignas. Os nossos olhos não descobrem os malefícios dumas nem as virtudes de outras. Vemos um prado. Vemos um lago. Vemos uma floresta. Vemos um jardim. Vemos uma planta num vaso. Vemos uma erva nascida num penhasco. Vemos as suas flores. Sentimos os seus odores. Onde está a planta que cura ou a erva que mata? Onde está a vida e onde se pode colher a morte?

As farmácias vendem de umas e de outras, manipuladas, misturadas, especificadas, com doses certas, receitadas com acerto, ou não, pelo nosso médico.

Nós não vivemos sem elas, mas podemos deixar de existir com elas, as ervas, as plantas, as flores, os aromas.

No entanto ali, encostadinha, disfarçada, alimentando-se, crescendo, modestamente, está a planta que dá a vida e a morte, diz quem a conhece.

Umhas tantas dessas ervas, plantas, sucos, aromas, são introduzidos, como cobras, na vida da juventude. A marijuana, o ópio, a cocaína, a liamba, o LDS e outros, penetram psicadelicamente, mortalmente, nas nossas vidas.

Temos a nossa mocidade alcatroa-

da pelo cigarro, envenenada pela droga, viciada pelo jogo.

Onde nos conduzirá esta nova geração? Que caminhos nos indicará as sementeiras de droga? Que frutos irão colher os que virão?

Eu quis ir assistir a este colóquio, mas confesso-me um tanto desiludido. Quantos pais estavam presentes? Quantos alunos abriga o nosso Liceu?

Era uma sexta-feira. Fim de semana. Uma hora inconveniente. Já foi dura a semana. E a droga, enfim. Muitos o pensaram. Também foram, os pais e alguns alunos, tirar a sua fumaça, beber o seu copo de terror. Não tiveram coragem em vir colher a informação, o perigo que o acompanha, a demência que vive, a ruína que se avizinha, para se imunizar.

Ficou esclarecido, assim o compreendi, que a terapêutica, o antídoto, o remédio, não se compram neste país. O viciado na droga não tem farmácia para se notabilizar.

A farmácia, a imunidade, a inteligência, a força de carácter, serão agarrados por cada um. O pai pode auxiliar, mas onde estava?

Estará concerteza, o pai, quando o seu filho, a sua filha, o seu irmão, a sua irmã, der entrada num hospital, viver como um javardo, envergonhar a sua raça, maltratar quem o produziu. Aí estará, para ver espelhada a sua obra, de educador, o seu acolher de ombros, a sua camaradagem.

E os prados são tão belos. E as mulheres são uns diabos deliciosos.

E a vida é de se viver em humanidade. E as flores tem cores brejeiras. E os vales tem tanta calma. E os montes escondem a fertilidade. E os rios têm cromados inigualáveis. E os vinhos sabem a suor de trabalho. E os frutos recolhem sumos de saúde. E as ervas alimentam a vida ao leite que bebemos.

E o teu filho? E os nossos filhos? E as nossas irmãs?

No hospital é tudo branco. E dentro do teu filho é tudo negro.

Salva-o. Agarra-o. Beija-o. Amanhã não poderás fazê-lo.

Cuidado. Vê se és um HOMEM para o fazer.

ERRO

Exame de Consciência

Todo o ser humano é ambicioso e procura subir a escada do triunfo até ao cimo na mira do sucesso, riqueza e poder. Poucos o alcançam. Esses poucos tornam-se o expoente dum viver invejado. Assim pudéssemos viver, diz ou pensa a maioria. Isso, sim, seria o ideal. Pois se todos à face de Deus somos irmãos, porque não vivermos talqualmente como os que vivem bem? Ai que bom morarmos numa casa com todo o conforto, daquelas que são autênticos museus e que nós, os menos favorecidos, sabemos que existem, mas cujo chão jamais pisamos. Que festas e reuniões mundanas de causar inveja mesmo aos da nossa (deles igualha não fariamos? Ter um «espada», daqueles que lançam reflexos mil, e, também, um iate com boné de comandante e tudo. Viagens, férias em longínquos e aprazíveis lugares, correr mundo, conhecer outras civilizações e outros costumes.

Os nossos filhos iriam para ricos e tradicionais colégios, onde a par de requintada educação lhes seria também ministrada a competente instrução. Depois, porque não, a Universidade de Oxford ou Cambridge? Independentemente de mais ou menos aptidões pessoais, maior ou menor capacidade intelectual, no final o almejado «canudo» e o preenchimento do tal lugar, que já aguardava... A sua e nossa vida seria um nunca mais acabar de coisas belas e boas, como tem os tais senhores, que, bem sabemos, têm mundos e fundos.

Mas será tudo felicidade nessas vidas de nababos? Não haverá, de permeio, um sem número de complexos problemas, que lhes massacrará o corpo e lhes amargurará o espírito? E que de preocupações e responsabilidades num mundo que nos é totalmente desconhecido? Quantas ve-

zes não estarão mesmo à beira da ruína e da desonra?

Mesmo não se dando tais coisas, que, ai de nós, não desejamos, porque será que ao invés não olhamos antes para baixo, para os que estão em piores circunstâncias, e não nos penitenciamos e damos graças a Deus pelo muito que nos tem favorecido?

Que abismo, que mundo horrendo, quanta miséria!

Para além daqueles que tiveram a desdita de ínfima ou nenhuma instrução e que na vida prática tiveram de deitar mão a trabalhar escravo e cuja família, carecida também ela, assistiu passiva e tragicamente ao descambar desses corpos, há as famílias com doentes crónicos, deficientes mentais, filhos e filhas desgraçados pelo vício, os órfãos, os sem família, os sem abrigo, as centenas de milhares de desempregados, toda essa imensa legião de marginados. Numa sociedade perfeita, muitos destes males tem remédio, o que não invalida que subsistam situações críticas e terríveis. Há países onde o problema tem sido encarado a sério, com um índice positivo notório. Mas este é um problema que não vem ao caso focar.

Tão somente, hoje, nos atrevemos a aflorar um problema que anda um tanto esquecido. Exige-se, reivindica-se por tudo e por nada e nem sempre da parte dos mais carecidos. Combate-se energicamente o oportunismo.

Todos querem mais, sem cuidar, repetimos, da legião daqueles que estão mais necessitados. Façamos profundo e sério exame de consciência e o número de exigências baixará substancialmente, com certeza.

Virgílio Lacerda

GRANDE CASINO DE ESPINHO

Inauguração da época no passado dia 25

● **MÚSICA DE BAILE** ●

PELOS CONJUNTOS:

— TROP GROUP SHOW
— SURPRISE

● **VARIEDADES** ●

— BALLETT ESPANHOL de Carmen Rojas
— ROGER E ELAINE Bailarinas acrobatas (sexy)
— ROSITA AFONSO cançonetista portuguesa

● **RESTAURANTE** ●

Jantares concerto — Esmerado Serviço

no

SALÃO RESTAURANTE * SLOT-MACHINES

● **CINE-TEATRO** ●

SESSÕES TODOS OS DIAS

ESPINHO

SABADO 28, às 22 h. — DOMINGO 29, às 15,30 h. — SEGUNDA 1 às 22 h.

CARNAVAL

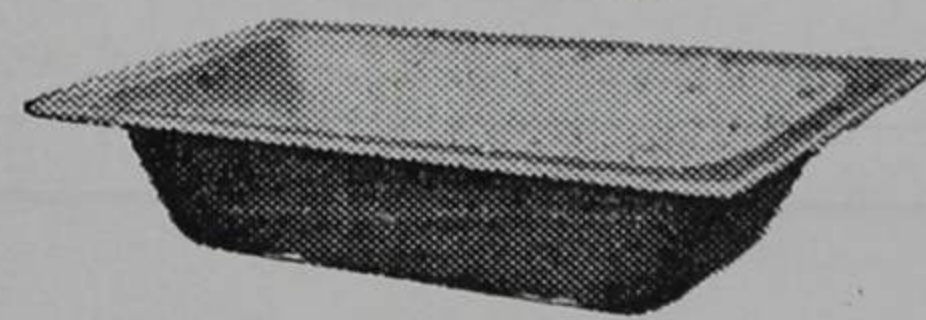
Tradicionalis bailes da Piscina

Conjuntos Jack In The Box (port.) — Orisea (Esp.) — Mayombe (Esp.)

— Organização conjunta do S. C. de Espinho e da A. A. de Espinho —

Marcações Casa Romeu — Telefone N.º 921433

Metalúrgica Recor S.A.R.L.



TELEF.: 23155/6

FABRICANTE DE BANHEIRAS DE FERRO FUNDIDO E ESMALTADO MOBILIÁRIO METÁLICO PARA QUARTOS DE BANHO, MÁQUINAS DE FURAR E TORNOS DE BANCADA

ARRIFANA — FEIRA

FIDES

(Fundos de Investimento para o desenvolvimento Económico Social)

Vimos lembrar a todos os possuidores destes Fundos de Investimento que, conforme tem vindo a ser divulgado pelos jornais diários, TV e Rádio, devem depositá-los em qualquer agência Bancária até ao dia 8 do próximo mês de Março

José Almeida
Dário Capela
Agentes das Comp.s de Seguros
IMPERIO, SAGRES E UNIVERSAL

Retalhos duma viagem

(Continuação da 1.ª página)

Padrão; Fernando Castro e Gabriel Gil; foram os viajantes.

★

Claro, a Associação de Voleibol do Porto e a Federação Portuguesa de Voleibol, como a Televisão e outros órgãos de comunicação social, marcaram a sua ausência na despedida. O Sporting de Espinho não é um Clube grande? Mas ia, de facto, representar Portugal. Numa competição europeia!

As velhas discriminações. Os esquecimentos e os critérios crónicos. E de resto era cedo!

Mas, se faltou quem devia, esteve presente o Valdemar Bodas, chefe da Secção de Voleibol, a despedir-se da caravana e a desejar boa viagem. A um por um!

★

Onze baptismos de voo! D. Maria Manuela, D. Ilda, D. Maria Augusta, Toninho, José Jesus, Francisco Pinto; Carlos Xabregas, Luis Resende, Salvador Almeida, Fernando Castro e eu.

O Gabriel Gil (o «Belinho» do voleibol) «veterano» do ar encarregou-se da «praxe» do pontapé no traseiro dos neófitos, excepto às senhoras. Pois!

★

O grande sorteirão da viagem: o Tomás Sousa. Foi pai na véspera. A sua pimpolha apressou a entrada no mundo, para o pai ir tranquilo. E feliz. E ia. Duplamente.

★

O mais novo da caravana, portanto o «benjamim»; o José Paula de 18 anos. Cabe dizer que a tia foi na viagem, mas por coincidência. Não para vigiar o moço!

O mais velho: o Carlos Ferreira, com os seus 42 anos. Foi promovido — por unanimidade e sem braço no ar — a chefe da comitiva. A caravana sentiu que ele era o mais «hércules» de todos, em caso de nos ser preciso defender.

★

Depois lá veio a ordem de entrada na pista e, como para qualquer autocarro, fez-se bicha, empurrou-se, procurou-se chegar lá à frente primeiro.

★

Dentro do «Boeing» 707, pelas janelas, os últimos acenos para os familiares e amigos que, na gare, aguentavam a temperatura menos agradável da manhã. Com a saudade já a roer...

★

Eram 9,10 horas quando o «Fernão de Magalhães» se mexeu. «Não fumar, apertar o cinto, ler as instruções.» Vieram as ordens da cabina de comando. Acrescentando que demoraria 30 minutos o voo Porto-Lisboa. A 5.700 metros de altura. E a 900 quilómetros por hora, velocidade de cruzeiro.

A única reacção foi ao «apertar o cinto». Os portugueses são avessos, mas agora o «slogan» está na moda. Muito mais até fora dos aviões. Mas até ali nos mandavam.

Num ápice, fomos por ali a riba, ainda vimos o Porto, entramos um compacto, belo e gigantesco, maço de «algodão em rama» e gorou-se a hipótese de apreciar a geometria espinhense lá de cima. Depois, apareceu-nos sol radioso.

★

Só perto de Lisboa (9,30 horas) as aberturas apareceram. Vimos então lá em baixo a «capital», quando fomos descendo e nos mandaram «apertar o cinto» outra vez. Bem, as ordens nesse sentido até têm vindo amiúdo de Lisboa!

A temperatura exterior era de 11.º Nada mau. Meia hora demorou a 1.ª tirada.

★

Curiosamente, já em trânsito no Aeroporto da Portela, a caravana voleibolística espinhense encontrou a dos italianos do Ariccia V. C. (com um gigante de 2,07 m!), todos atirados lá para cima, campeões de Itália, que chegavam para defrontar o F. C. do Porto, na eliminatória da «Taça dos Campeões Europeus».

«TACA DOS VENCEDORES DAS TACAS»

Estrela Vermelha, 3--Sp. de Espinho, 1

(CHECOSLOVÁQUIA)

(PORTUGAL)

(15—0; 15—4; 13—15; 15—4)

MELHOR (SURPREENDENTE) RESULTADO, PIOR EXIBIÇÃO GLOBAL!

Encontro no Pavilhão Federal de Bratislava, aquecido, muito bom, embora já não seja moderno. Excelente piso, boas instalações para público, em plataforma superior, magnífica iluminação.

As duas equipas entraram em conjunto, árbitros à frente, alinharam, houve palavras de circunstância, uma saudação amistosa em português, depois a apresentação individual de todos, que o pouco público aplaudiu (com calor), entre o qual doze espinhenses da caravana.

Os eslovacos, de vermelho, estrela ao peito, os espinhenses, como habitualmente, porém faltando o «tigre» na peitaca.

Entretanto, todo o jogo seria esclarecido por um locutor oficial, através da instalação sonora, com ligeiras explicações e identificação dos jogadores que participam na consumação das jogadas ou fazem serviço.

Um pormenor: os espinhenses ofereceram aos eslovacos café, sardinhas enlatadas, vinho do Porto, emblemas e flâmulas.

Segue-se a ficha do jogo e os comentários a cada «set».

ARBITROS: HANS ALBRECHT (República Democrática Alemã) e ING. STEFAN BEHHAN (Bratislava)

ESTRELA VERMELHA — Pipa Stefan; Sirvon Vlado; Plavec Pavel; Kroc Zdenek; Halanda Lubor; Tokar Jan; Lendak Jan; Cifra Jan; Kianicka Matus; Mician Miro; Repak Ian e Rousar Ladisdav.

SPORTING DE ESPINHO — Rolando Sousa; Fernando Tomás; José Cadete; Fernando Castro; Fernando Correia; Alberto Salvador; Rui Azevedo; Luis Resende; Júlio Silva; António Pinto; José Paula e Francisco Pinto.

1.º SET. — 7 m.

Grande inibição dos espinhenses, consequentemente tudo a correr mal, sem ataque, contra os eslovacos sem terem apresentado a melhor equipa, mas encontrando as maiores facilidades. Um desaire custoso, mas que não reflecte também a verdade e o valor espinhense.

2.º SET — 18 m.

Continuaram os eslovacos a não apresentar o melhor conjunto, porém mesmo assim, foram sempre e naturalmente superiores. Os «tigres» melhoraram, desinibiram-se um tanto, porém, nunca jogaram, pelo menos, o seu normal. Sobretudo a defender, foi um «desastre». Cambiantes do marcador: 2—1; 3—2; 6—2; 7—4; 15—4.

3.º SET. — 23 m.

Eis o desenvolvimento do marcador:

1—1; 2—1; 2—4; 4—4; 5—5; 10—5; 12—6; 13—7; 13—13 e 13—15

Melhoria acentuada da turma espinhense comportando-se agora dentro duma bitola aceitável. Já desinibida, com outra garra, outro acerto, atacando mais, defendendo melhor. Se bem que os eslovacos continuassem a não meter alguns titulares, talvez não esperassem réplica tão valorosa. O «set» mais emotivo, mais bem jogado. E não se acredite em jeitos, que não houve. Eles não fazem competição para perderem quando quiserem, e quiseram, não conseguiram já. E foi uma festa portuguesa, no fim do «set».

4.º SET — 4 m.

Os espinhenses voltaram a claudicar, baixando na produção que tinham dado no «set» anterior. Os eslovacos nem precisaram de se esforçar demasiado, pois reencontraram facilidades.

As mutações do resultado explicam-no:

5—1; 6—2; 12—2; 13—4 e 15—4

Os eslovacos apresentaram a sua segunda equipa, constituída por antigos juniores que, não tendo o valor do «seis» titular, é, mesmo assim, um conjunto superior a qualquer português. Jogaram descontraindo, mas não facilitaram. Exibiram-se menos mecanizados que em Espinho, mas continuaram a demonstrar as excelentes virtualidades do seu voleibol. Gostamos de Repak, Cifra, Kianicka e Rousar.

A turma espinhense, no cômputo geral, esteve longe do acerto exigido; inibida inicialmente, só se encontrou no 3.º «set», competindo, então, um nível aceitável e ganhando-o com mérito e merecimento. Cadete, Rolando, Rui Azevedo e Tomás, os que mais nos impressionaram. A turma, no entanto, denota, naturalmente, certa imaturidade, mais acentuada nestes encontros internacionais com equipas experimentadas, valiosas e, demais a mais profissionalizadas.

Entretanto, no fim do jogo, ouvimos as opiniões de:

HANS ALBRECHT (árbitro) — Os portugueses estiveram muito nervosos, sobretudo no «set» inicial. Vejo que têm qualidades, mas não é possível entrarem na alta competição, treinando tão pouco como eu soube e me admirou. Apreciei o facto dos portugueses «jogarem» muito com «coração». Não tive quaisquer problemas e gostei do espírito desportivo dos portugueses.

PAVEL PAVLEC (treinador dos eslovacos) — O Espinho jogou muito melhor lá do que agora, faltando-lhe o calor do seu público. Estiveram muito nervosos, mas ganharam bem o 3.º «set». Nós, jogando hoje com os jogadores mais novos, vindos dos juniores, quisemos mostrar a sua preparação, demonstrando que temos gente à altura para darmos boa continuidade ao nosso trabalho. Voltando aos portugueses, quero acrescentar que, quando jogam tranquilos dão outro rendimento, e possuem qualidades, mas, de qualquer maneira, não têm possibilidades, na alta competição, treinando tão pouco. Creia que, no 3.º «set» não facilitamos nada e os espinhenses, mereceram o triunfo.

(Conclui na página seguinte)

Ligeiro contacto com os Italianos, convencidos do triunfo.

★

Apareceu Pedro Roriz, de «A Bola», para ouvir o Padrão; o Pedro Roriz, com o qual, em 1975 tive uma troca de opiniões, no seu jornal, por causa dos comentários sobre o jogo Sporting de Espinho—Leixões que deu margem a uma invasão. Cumprimentamo-nos cordialmente. Águas passadas...

★

Operações alfandegárias simples, na Portela. Rotineiras, sem problemas, apenas certa preocupação com as massas que a «malta» levava. Tudo correu OK. Apenas, saíu na «rifa» uma sessão de «apalpação», à D. Astrid, ao Carlos Padrão e ao Fernando Castro (Padrão também). «Perseguição» à família ou azar? De resto, azar para quem teve de fazer a revista, pois tiveram muito que apalpar. Eles são compridos!

★

Sala de espera do Aeroporto. Quente que fartava! Mas a «escaldar», foi o preço do café (8\$50) e de «meia de leite» (17\$50)! Livra! Os preços sobem, mas assim é mesmo a «jacto»! Caramba!

★

Entretanto, «matou-se» o tempo de espera, escrevendo, telefonando, cavaleando e, para alguns, conversa com um americano negro (regressado de Angola) que fazia parte duma comissão de apoio ao MPLA.

Lá defendeu os seus pontos de vista, respondendo às perguntas dos rapazes, esclarecendo com pormenores e afirmando que, para ele, aquele era, de facto, o único movimento de raízes populares. Uns apoiaram, outros não. Assim deve ser a democracia.

★

Apareceu Nuno Xara Brasil que foi excelente voleibolista do Sporting e Lisboa e Ginásio. Que é funcionário da «Varg». Muito mais elegante (de físico) de que quando jogava deu um abraço ao ao Carlos Padrão (seu antigo «adversário»), desejou boa viagem à malta, e disse que já não jogava, porquanto lhe custava muito a vestir e a despir. Bem disfarçado!

★

Mais uma viagem de autocarro na pista (até que enfim que há autocarros de transportes colectivos de borla!) entramos no «Boeing» 727 — chamado «Cabo Verde», também da T.A.P.

★

O Comandante Nunes (e a sua tripulação), deu as instruções da praxe, e disse que demoraríamos 2,30 horas, até Zurique, voaríamos a 11.000 metros de altitude e 900 quilómetros por hora, de velocidade de cruzeiro.

★

Eram 12,05 horas e estávamos no ar! Mais «maços de algodão em rama». Mais um «filme» estupendo que os nossos olhos iam apreciando lá em baixo, com policromia e variantes formidáveis, desde a Espanha, à França, e por fim a Suíça! Encanto, sobretudo para os «baptizados».

★

Os Pirinéus, os Alpes e as zonas nevadas suíças, entusiasmaram a caravana! E lindo, supomos que por muito que se veja. Um espectáculo da inimitável natureza.

★

Entretanto, como é evidente, apareceu o saboroso almoço, frugal, mas anti-figado que toda a gente petiscou com vontade, pois as horas iam passando e o apetite crescendo.

★

Acabado o repasto, veio ordem para «apertar os cintos». Não para ajudar à digestão. Apenas uma zona de pequena turbulência. Muito menos do que numa viagem de camioneta Porto-Espinho. Só o salto é que seria grande! Safa!

★

Fizeram-se fotografias a bordo, filmou-se, leu-se e eu fui adiando esta vida. As 14,10 horas anunciaram que tínhamos Zurique à vista com 2.º e dez minutos, depois, poisamos. A aterragem foi mais «áspera» com uns solavancozinhos sem importância. Havíamos demorado o tempo previsto. Estava sol e a temperatura não incomodou ninguém. Bem pior era a das salas de espera. Calor autêntico.

(Conclui na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

Uma «babel» o aeroporto suíço. Aviões de todo o mundo e gente também. A nossa caravana, era a mais «proletária». Não havia gravatas e em Zurique já vimos «trapinhos» em barda. Parecia epidemia.

★

Trocou-se dinheiro mas um funcionário (de gravata), vendo tanta gente, perguntou porque não trocávamos em Viena. Lá como cá, há quem goste de fazer pouco. Feitios!

★

Uma olhadela às lojas do Aeroporto. Preços de estarrecer! E que são precisos 11\$50 para comprar um Franco Suíço. Um postal ilustrado com selo 14\$00! Um gelado: 30\$00! O escudo não desvaloriza. E. Valorizam outras moedas.

E lá ficaram as primeiras divisas e despachamos as notícias para a família.

★

Longa espera no Aeroporto. É uma espiga. E, agora, compreendemos os martírios dos futebolistas profissionais das grandes equipas, sempre em deslocações. Os tempos mortos nos Aeroportos são uma estopada. Algumas senhoras, diziam que, para a próxima (elas gostaram, srs. maridos!), traziam «crochet»!

★

No Aeroporto de Zurique apareceram G 3 (versão suíça) em boas mãos. De facto, traziam-nas polícias. E, também, uma versão «chaimite» a dar aparato de «coisa». Que não vimos. Embora se aguçasse o dente para um «filme» desses.

★

Ali, também, houve nova sessão de «apalpas», mas geral. E quem dissesse que não gostou. E quem afirmasse que houve uns exagerozitos! Bom, há uma «história» que eu prometi à D. Maria Augusta Paula não contar. O Juca, de certeza, tratará de saber.

★

Entramos no DC9 da «Austrian Airlines». O comandante Kent (e tripulação) saudou-nos e anunciou que dali a 55 minutos estaríamos em Viena. Voariamos entre 6.100/10.700 m. de altitude e a 890 quilómetros por hora, velocidade de cruzeiro.

★

Ofereceram uma lancharada à «malta». Uma «sande», com carnes frias e uma garrafinha. Aqui a desilusão: água mineral! E que a maioria só tem paladar líquido para a «pingueta».

★

Arrivamos a Viena os tais 55 minutos, depois. De noite. Miríades de luzinhas lá em baixo. E um frio de rachar. Na alfândega do aeroporto, mais G 3 (agora, versão austríaca) ainda em boas mãos policiais. Aguardamos a bagagem, que já não víamos desde o Porto.

★

Operação rápida, como rápida foi a saída do Aeroporto. Uma mirada simples ao passaporte e aí vão eles sem mais «chatices». Mais fácil que sair na estação de Espinho, à 2.ª-feira!

★

Entretanto, a caravana ia bem disposta, sempre a arranjar motivos para gozação, para o chiste, porém portando-se na linhíssima.

Todavia a alegria a descontração, davam nas vistas. A «desenrascação» à portuguesa, com molho espinhense.

★

Embarcamos no autocarro do amigo Franz, para Bratislava. O Belinho, na sua qualidade de guia, voluntário, deu indicações precisas e elucidativas. «Animando» a caravana ao dizer que na fronteira eslovaca iríamos parar muito tempo. Por causa das formalidades. Durante a trajecto, neve nas bermas da estrada. Novidade para muitos que nunca tinham visto aquilo tão perto.

★

O primeiro funcionário, de «cara de pau», deu um baque à caravana. Obrigou o António Pinto a rapar as barbas. Para dizer com a careta da fotografia do visto. Catrafiou a malta, um a um, carregou com os passaportes e o Pinto foi desfazer as barbas, de pincel e lâmina emprestados. Normas são normas e ali não se perdoa. E a pente fino! Mas tirar aquelas barbas todas assim a sangue frio...

(Continuação da página anterior)

CARLOS PADRÃO (treinador do Sporting de Espinho) — Como eu sei e é habitual, em todas as nossas equipas que se deslocam ao estrangeiro, a minha acusou natural timidez, dado não só ao valor enorme do adversário, como a responsabilidade e o ambiente, a estabelecer todo um clima emocional que a inibiu, sobretudo no 1.º «set» durante o qual foi uma sombra. Passado esse impacto e porque, até, o treinador eslovaco Pavel veio falar à rapaziada, dizendo-lhe que estivessem à vontade para jogarem aquilo que sabia estar ao nosso alcance, não tendo, portanto, razões para estarem diminuídos ou envergonhados, a equipa reencontrou-se, graças a essa ajuda moral e rendeu muito mais, já numa bitola próxima do que é capaz. Conseguiu, depois fazer um «set» vitorioso, sem que os eslovacos facilitassem pois apesar de ser a sua equipa secundária ganharia, sem dificuldades o nosso campeonato, mas aproveitando um natural amolecimento para se adiantar no marcador. A jogar bem, animados, quando os eslovacos quiseram, o querer da rapaziada superou tudo e, então, sob todos os aspectos, tiveram um final de «set» à boa maneira antiga, conseguindo um brilhante inédito, que é meter-se um «set» a uma equipa daquelas demais lá.

Estou plenamente satisfeito com o nosso comportamento, e esta bela jornada foi preciosa para o futuro da equipa, como pelo facto de termos honrado o Clube e o voleibol português.

CARLOS SARRIA

Festa Eslovaca - Portuguesa

Um belo jantar de despedida, pretexto para estreitar amizades

No domingo à noite, no Hotel Bratislava, numa das suas várias salas de jantar — várias e de bom tom — os eslovacos ofereceram a toda a caravana espinhense, a culminar a enorme gentileza com que a receberam e trataram — mas isso fica para posteriores comentários —, um repasto oficial de despedida, com a presença de mais de 60 convivas distribuídas por várias mesas e com todos os dirigentes do Estrela Vermelha, entre os quais o presidente Dipl. Ing. Bena-Gajdos e o presidente da Secção de Voleibol Blahusiak Joztef.

Contra o nosso costume, o jantar principiou, precisamente, pelo discurso oficial proferido pelo Presidente do Clube eslovaco que disse:

— Desejamos sinceramente que os nossos amigos desportistas portugueses sejam bem-vindos à nossa cidade de Bratislava e esperamos, que tenham gostado e conhecido pelo menos um pouco dela, para se lembrarem como boa recordação.

Pensamos, e desejamos, que o nosso contacto desportivo não seja o último, pois gostaríamos de confraternizar convosco mais vezes, continuando este belo convívio agora iniciado.

O desporto é uma das maneiras mais belas de fazer a paz entre os povos e por isso é importante.

Estamos persuadidos de que estão contentes com a estadia entre nós, pedindo-lhes desculpa se não conseguimos proporcionar-lhes tudo quanto gostaríamos, retribuindo todas as vossas amabilidades.

Por fim, queremos desejar-lhes todos os êxitos e saudá-los em nome do nosso Clube e do povo de Bratislava.

Depois, seguiram-se os primeiros brindes de circunstância, entre aplausos e então, **CARLOS FERREIRA**, chefe da comitiva espinhense, leu o seu discurso onde afirmou:

— A caravana desportiva do Sporting de Espinho, bem como os acompanhantes, estão, além de sinceramente encantados, muito e muito agradecidos pelo vosso calor humano e a atenção que nos dedicaram.

Perdemos no jogo, mas, apenas, nos preocupamos em dar réplica digna e desportiva, valorizando o espectáculo, pois sabíamos bem do grande valor da vossa magnífica equipa.

Perdemos o jogo, porém, saímos muito mais vitoriosos do que a vossa equipa, porquanto aprendemos, valorizamo-nos e, sobretudo, conquistamos grandes amigos que jamais esqueceremos.

O desporto é, de facto, um elo de ligação entre os povos que, felizmente, ultrapassa todas as barreiras e possibilita a felicidade de jornadas de confraternização e amizade como a que vivemos.

Para vos dizermos do nosso contentamento por tudo, resta-nos referir que partimos com a imensa vontade de voltarmos um dia.

Oxalá, que isso se possa realizar como, também, uma vossa nova visita a Espinho.

Para terminar e bem à nossa maneira, do coração, todos em uníssono mostraremos a nossa muita gratidão, dizendo-vos O—BRI—GA—DO!

Os eslovacos bateram palmas com calor inusitado e, alguns olhos, marejaram-se, como tivemos ocasião de apreciar. Qualquer dos discursos foi traduzido para a língua precisa, através da dupla Dr. Karol Yuhari e Gabriel Gil.

Mais brindes, com a alegria a transbordar, quando a «malta» espinhense surpreendeu os anfitriões com um «EFE-FERRÁ» estrondoso com 28 pessoas plétóricas de alegria, satisfação e gratidão, a gritá-lo. Os eslovacos, admirados, com aquela inédita saudação, redobram nos seus aplausos calorosos.

Foi, então, a vez de nos atirmos a todo um delicioso e requintado jantar, cujo «menú», acompanhado de vinhos diversos, sumos, cervejas, águas minerais, foi assim:

Canja; depois, arroz de fiambre, acompanhado de fígado, aos bocadinhos, vegetais, e molho; Frango alourado com batatas fritas, verduras e damasco ou pêssego, para acompanhar; doce gelado.

Seguiu-se a entrega de muitas e variadas prendas pelos eslovacos, a toda a caravana e ofertaram ao Sporting de Espinho um quadro de madeira, com revestimento acobreado, representando uma panorâmica de Bratislava em alto relevo. Os espinhenses retribuíram com uma linda «caravela» de filigrana, com dedicatória.

Finalizando o repasto, passaram os convivas a outras salas, onde às senhoras, e aos elementos menos jovens e dirigentes, foi servido um «Porto de Honra», com vinhos diversos da região, e pequenos petiscos.

Sobretudo, as pessoas, aí conviveram, conversando animada e francamente durante várias horas, enquanto a «malta» mais jovem (e não só) dava a lerna, cantando, ao som de um conjunto, divertindo-se e confraternizando animada e amigavelmente.

A jornada festiva durou até às tantas para alguns, acabando ali, pelo menos, oficialmente, o convívio luso-eslovaco, na verdade surpreendente, pela forma como, sempre, se processou, considerando que se tratava de povos separados por distância imensa, por formas de vida distintas, por contextos geo-políticos diferentes.

Todavia, o desporto, quando bem interpretado, tudo vence e minimiza essas diferenciações naturais.

Assim aconteceu, nesta bela festa eslovaca-portuguesa, que aconteceu lá longe, na cidade de Bratislava perante os olhos de 28 felizes e felizardos espinhenses.

CARLOS SARRIA

Durante a espera, para cumprimento das longas formalidades, Rádio Moscovo falou em português da política em Portugal. O que disse? O que lhe parecia, claro.

★

Lá voltaram os funcionários fronteiriços e três malas foram espiadas; Fernando Castro, Rolando Sousa e D. Maria Augusta Paula.

Nada a opor, depois das remexidelas da praxe.

★

Mais outro funcionário da alfândega eslovaca, entrou no autocarro, falou com Franz, admirou-se por levarmos muito dinheiro, mas todo sorridente, mostrou um distintivo do Sporting de Espinho, a par de outro do Estrela Vermelha, perguntou a temperatura em Portugal, admirou-se dos 11º e assustou-nos 2º negativos.

Ofereceram-lhe uma lata de sardinhas de conserva, mas recusou. Ele lá sabe porquê.

★

Entretanto, o dirigente eslovaco Sukup Jan (cordialíssimo) junto com o Belinho, desenrascaram as formalidades. Que duraram, apenas, uma hora! «Record», segundo o nosso experimentado guia profissional, desta feita a dar uma ajuda voluntária e preciosa ao seu vôlei, ao seu Sporting.

★

E arrancámos, cheios de apetite, para Bratislava, cidade de 300.000 almas, atingindo-a depois de aparecer outro dirigente eslovaco o Dr. Karol Yuhari, pleno de amistosidade. Estávamos na Checoslováquia! 6.ª-feira dia 20 de Fevereiro, eram cerca das 20 horas. A hora é igual à nossa! Afinal os atrasos ou adiantos são doutro género.

★

Vemos de passagem uma zona industrial, mas, como era tarde e noite cerrada, fomos para o Hotel Bratislava, a 5 quilómetros do centro.

«Suites» de duas camas com «living-room», mobiliário moderno, alcatifa aquecimento, sem estores, mas com reposteiro, grande interior, telefone, rádio, (rádio só Rádio Bratislava) boa música e palavreado. Um hotel que aqui muito progressista da nossa praça diria ser de «fachos».

Ora bom, por razões naturais, temos que ficar por aqui, nos nossos primeiros apontamentos de viagem. Chegados na terça-feira à noite, com o jornal já praticamente pronto embora de sobreaviso para a 1.ª parte da nossa reportagem não podíamos ir mais longe, sobretudo pelos problemas técnicos de tipografia.

Continuaremos no próximo número, a dar estes retalhos, escrevendo, também, as nossas impressões globais desta viagem feita por uma caravana espinhense de 23 pessoas de molde a demonstrar para os nossos leitores o que ela foi, a fim de poderem tirar as suas conclusões.

CARLOS SARRIA

Se calhar...

No decurso da palestra-colóquio do Dr. Jaime Milheiro, no nosso Liceu, apontou-se a necessidade (lógica) da existência de um médico naquele estabelecimento de ensino.

Veio a explicação de que não há, mas vai haver. Vai haver um médico para prestar assistência aos 1700 alunos. Um clínico a trabalhar em «part-time» (mais um «gancho») durante QUATRO HORAS! Bem, ninguém se entusiasme. São QUATRO HORAS, mas por SEMANA!

Os alunos vão ter de «avariar» a dias e horas certas, para aproveitarem a presença do clínico. Vai ser giro acertarem a necessidade de recurso ao clínico, com a hora e o dia da sua presença. Um autêntico «toto-médico».

Mas, de resto, partindo do absurdo que os 1700 alunos teriam de recorrer uma vez ao médico, cremos que a maior parte terá de sair do Liceu, com o curso completo, à espera ainda de ocasião para visitar o doutor.

Se calhar...

As obras de defesa da nossa praia

Comunicação ao 1.º Congresso de Engenharia Civil, pelo Eng. Civil 1.ª Classe Francisco Perdigão em 1931

CONTINUAÇÃO

Já agora não passarei adiante sem citar a opinião que encontro escrita de que os terrenos onde existe o estuário que forma a ria de Aveiro, assim como os de Ovar e os areais para norte até Espinho e para sul até ao Cabo Mondego, não existiam ainda na época da dominação romana na península.

O que não se sabe, porém, é quais são o valor e a correlação dos diversos elementos que constituem o problema.

Para os determinar e ao mesmo tempo acudir à situação angustiosa em que por diversas vezes, de há 70 anos para cá se tem visto os habitantes desta costa, foram nomeadas várias comissões compostas dos melhores nomes que a nossa engenharia hidráulica tem possuído e que hei-de citar mais adiante com as conclusões dos respectivos relatórios.

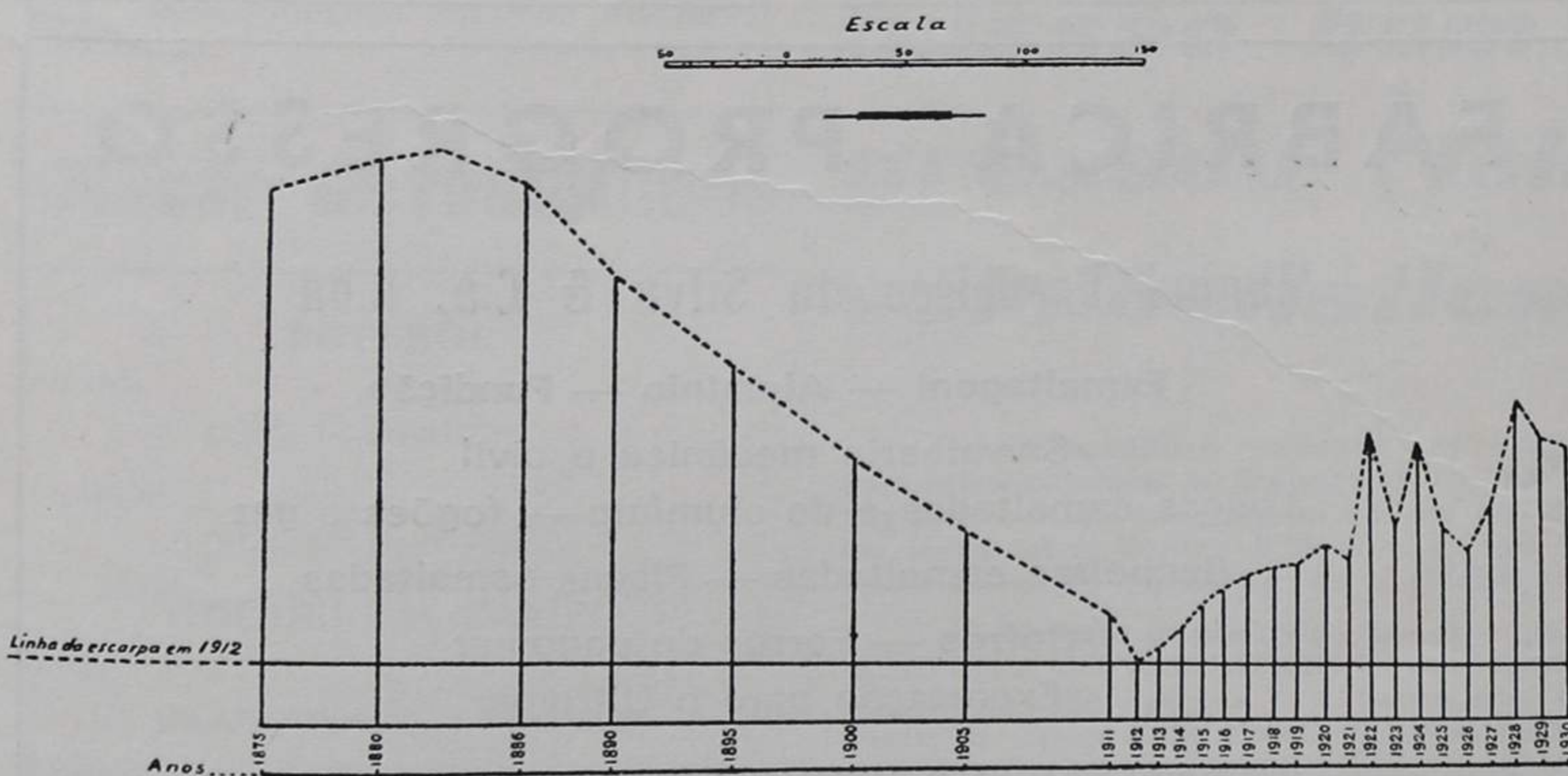
Podem dizer-se que o estudo do problema se dividira em duas partes: uma dizendo respeito às variações dentro de curtos períodos e outra às de períodos longos. Com efeito, além do fenómeno geral de avanço e recuo do mar que as constatações que no começo fiz fazem suspeitar e a observação do gráfico n.º 1 corrobora, há por assim dizer a reprodução do mesmo fenómeno em pequena escala de tempo e de espaço. É frequente de uma maré para a outra encontrar a praia com modificações enormes em perfil e planta e passados poucos dias voltar a encontrar as características anteriores. Foi o que sucedeu em Março último: a situação tornou-se bruscamente alarmante porque o mar produziu em poucas horas uma escavação formidável com uma escarpa de altura de três metros que chegou a pequena distância da balastrada da avenida marginal; passados quatro ou cinco dias toda a impressão de perigo tinha desaparecido porque a praia tomara o perfil anterior, afastando-se consideravelmente a linha da praia-mar. O estudo do fenómeno de largo período, além do interesse científico, pode ter um alto interesse económico se dele puder resultar o conhecimento certo da maneira por que se há-de provocar um largo açoreamento ao longo de toda a costa compreendida entre Miramar a Esmoriz, com uma superfície de 500 hectares ou mais, a qual seria pouco a pouco fixada com a plantação de espécies vegetais apropriadas e com a construção de pequenas obras de defesa contra ulterior corrosão.

Porém, o que tem um interesse mais imediato e urgente é o estudo da protecção da linha da costa que hoje existe afim de impedir eficazmente novo avanço do mar visto que, como já se disse, entre essa linha e aquela até onde há indícios de o mar já ter estado em tempos remotos, existe a parte mais importante da povoação cuja derrocada pela acção do mar significaria a perda de muitas dezenas de milhares de contos de propriedade urbana.

Foi do estudo desta parte do problema que foram encarregadas as várias comissões de técnicos a que acima me referi.

O ataque mais antigo e mais notável de que há notícias certas deu-se em 9 de Março de 1869, seguindo-se-lhe outro em 1871 e um terceiro em 1874. Não há elementos para determinar com segurança a importância dos avanços do mar em cada um deles, mas pelo cotejamento de uma planta antiga de 1866 com uma outra em que se encontra lançada a linha do praia-mares em 1875, vê-se que o avanço total dessas três investidas do mar tinha sido de cerca de 95 metros. Para termo de comparação direi que a distância do alinhamento da face poente da actual estação do caminho de ferro até à linha de praia-mar era em 1866 de cerca de 450 metros; em 1875 ficou reduzida a 355 metros e em 1912 a 140 metros. Estas distâncias são medidas segundo o eixo da Rua Bandeira Coelho, hoje rua 19; portanto, como já se disse, a corrosão total durante 46 anos, foi, naquela direcção, de 310 metros.

Gráfico das dimensões do 'estran', da praia de Espinho desde 1875 a 1930



Pelos elementos que possuímos parece que naqueles três primeiros ataques não houve prejuízos nas casas de povoação, o mesmo sucedendo no novo ataque que teve lugar em 1885 em que a linha de praia-mar avançou uns 20 metros, segundo aquela direcção tomada para termo de apreciação.

Em Outubro e Dezembro de 1889 novos avanços que totalizaram mais de 50 metros tendo desta vez sido destruídas umas vinte casas de madeira, habitações de pescadores. Em face dos clamores então levantados começaram as entidades oficiais a movimentar-se, tendo sido encarregado a 2.ª Circunscrição Hidráulica (Coimbra) de estudar as causas e propor os remédios. Em Abril de 1892 o Engenheiro José Maria de Melo e Matos apresentou o relatório desses estudos no qual considerou duas hipóteses:

A 1.ª, baseada na opinião de Adolfo Loureiro e Baldaque da Silva, que sustentava uma existência de uma corrente litoral permanente de Norte para Sul, levava-o a propor a construção de um dique submerso, com o fim de desviar para o largo a corrente marítima que, nessa hipótese, seria o agente da corrosão da costa;

A 2.ª, baseada na opinião de Nogueira Soares que negava terminantemente a existência daquela corrente e atribuía os movimentos das águas nas nossas costas à influência de certos ventos que sopram no mar alto, conduzia-o a propor a construção de um quebra-mar paralelo à costa por meio de grandes blocos lançados a uma distância ainda a determinar.

Não havendo elementos bastantes para com acerto se poder optar por qualquer das duas obras, o Director da 2.ª Circunscrição propôs ao Governo a nomeação duma Comissão que melhor estudasse o assunto.

(CONTINUA)

Cartório Notarial de Espinho

A cargo da notária Licenciada Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro:

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 10 de Fevereiro de 1976, lavrada de folhas 57 verso a 59 do livro de notas para escrituras diversas D-Número treze, deste cartório notarial de Espinho, os senhores ANTÓNIO GRANDINO CENTENO, JOSÉ DE ALMEIDA PEREIRA e JOSÉ DA QUADRADA, todos casados, residentes no lugar de Esmojães, freguesia de Anta, deste concelho, constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma de «CENTENO PEREIRA & COMPANHIA, LIMITADA», tem a sua sede e estabelecimento na Rua Vinte e Quatro, número 963, desta cidade, freguesia e concelho de Espinho, e a sua duração é por tempo indeterminado, com início a partir de hoje.

SEGUNDO — O seu objecto é o comércio de ferragens e materiais de construção, podendo entretanto dedicar-se a outra actividade comercial ou industrial em que os sócios acordem e seja permitida por lei.

TERCEIRO — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de Esc.: 150.000\$00, e corresponde à soma de três quotas iguais de 50.000\$00 cada uma, pertencentes uma a cada um deles três sócios.

QUARTO — Não são exigíveis prestações suplementares de capital, mas os sócios poderão fazer suprimentos à sociedade, mediante as condições estabelecidas por deliberação a tomar em assembleia geral.

QUINTO — A cessão de quotas a estranhos depende do consentimento dos sócios não cedentes.

SEXTO — A gerência da sociedade, dispensada de caução, e com ou sem remuneração conforme vier a ser deliberado em assembleia geral, compete a todos os sócios, que desde já são nomeados gerentes sendo necessária a assinatura de dois deles para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos e sendo suficiente a assinatura de qualquer deles em actos de mero expediente.

Parágrafo único — A sociedade será estranha a quaisquer actos ou contratos firmados pelos gerentes em letras de favor, fianças, abonações ou outros semelhantes.

SÉTIMO — Por morte ou interdição de qualquer sócio, a sociedade continuará com os sócios sobreviventes ou capazes e os herdeiros ou representante legal do falecido ou interdito, devendo aqueles nomear um de entre si que a todos represente na sociedade enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

OITAVO — Quando seja necessário convocar a assembleia geral e a lei não exija para isso outras formalidades, as convocações serão feitas por cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias.

Está conforme ao original.

Espinho e cartório notarial, 12 de Fevereiro de 1976.

O Ajudante do Cartório,

José dos Santos Sil

Defesa de Espinho — N.º 2290 — 27/2/76

A cargo da notária Licenciada Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro:

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 12 de Fevereiro de 1976, lavrada de folhas 53 verso a 54 verso do livro de notas para escrituras diversas B-Número 44 deste cartório notarial de Espinho, os senhores ALBERTO AUGUSTO PEREIRA QUINTAS, casado, residente na Rua 20, 371, Espinho, e ANTÓNIO MANUEL CORREIA RIBEIRO casado, residente em Espinho, Rua 4, 953, 2.º, esquerdo, constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada nos termos dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma «QUINTAS & RIBEIRO, LIMITADA», tem a sua sede e estabelecimento na rua Vinte, número 371, desta cidade de Espinho e durará por tempo indeterminado a contar de hoje.

Parágrafo único — A sociedade poderá transferir a sua sede para qualquer outro local, bem como criar ou encerrar filiais, sucursais ou qualquer outra forma de representação social, por simples deliberação da sua Assembleia Geral.

SEGUNDO — O objecto social consiste no comércio de confecções, modas, artigos complementares e acessórios desses e bijuterias, podendo, contudo, dedicar-se a qualquer outra actividade industrial ou comercial que for deliberada pela Assembleia Geral.

TERCEIRO — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 240.000\$, dividido em duas quotas iguais de Esc.: 120.000\$00, pertencentes uma a cada um dos sócios Alberto Augusto Pereira Quintas e António Manuel Correia Ribeiro.

QUARTO — A gerência, dispensada de caução e com a remuneração que for fixada em Assembleia Geral, será exercida por ambos os sócios que desde já ficam nomeados gerentes.

É suficiente a assinatura de um só gerente para obrigar a sociedade, à excepção de assinaturas apostas em cheques os quais terão sempre de ser assinados por ambos.

A sociedade é estranha a quaisquer actos ou contratos firmados pelos gerentes em letras de favor, fianças, abonações ou outros semelhantes.

QUINTO — A cessão de quotas a estranhos fica dependente do consentimento do sócio não cedente.

SEXTO — As assembleias gerais quando a lei não determinar prazos ou formalidades especiais, serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias.

Está conforme ao original.

Espinho e cartório notarial, 13 de Fevereiro de 1976.

O Ajudante do Cartório,

José dos Santos Sil

Defesa de Espinho — N.º 2290 — 27/2/76

Papelaria Atlântico Norte, L.ª

Av. 24 n.º 1013 — Telef. 922776
ESPINHO

(em frente da Feira)

Agente da «Texas Instruments»
Material de Escritório
Livros Escolares

Brasil e Venezuela

Passaportes

Passagens de avião e navio

Agência de viagens OS CAPOTES

— Rua doze n.º 628 — ESPINHO —
Telef. 921941 e 921285

Vende-se

Mobiliário de Sala de Jantar

Preço convidativo

Telefone, 921707

JOAQUIM GOMES PEREIRA

Electricista de Automóveis

Montagem de auto-rádios, aparelhagem electrónica para verificação de alternadores, Bobinagem de dinamos e motores, Testes eléctricos e Focagem de faróis.

(Serviço Mobil)

Rua 15 — Telef. 921900 — ESPINHO

Residência — Telef. 964194

Associação Comercial de Espinho

Sede: Rua Dezanove N.º 62 — Telefone, 920113 — ESPINHO

A Associação Comercial de Espinho, comunica aos seus associados que pelo Decreto-Lei n.º 713-A/75, de 19 de Dezembro, no seu Art.º 1.º considera os seguintes feriados obrigatórios:

1 de Janeiro — 25 de Abril — 1 de Maio — Corpo de Deus — 10 de Junho — 15 de Agosto — 5 de Outubro — 1 de Novembro — 1 de Dezembro — 8 de Dezembro — 25 de Dezembro.

Além dos feriados obrigatórios poderão ser observados:

O Feriado Municipal da localidade — A Sexta-Feira Santa ou Segunda-Feira posterior ao Domingo de Páscoa — o dia 24 ou o dia 26 de Dezembro.

Art.º 3.º — Consideram-se nulas e de nenhum efeito as cláusulas dos instrumentos de regulamentação colectiva vigentes ou futuros que estabelecem feriados diferentes dos indicados neste diploma. — Assim a Terça-Feira de Carnaval deixa de ser feriado obrigatório.

Espinho, 24 de Fevereiro de 1976.

A DIRECÇÃO

FONSECA MODAS — TECIDOS

JOÃO LOPES DA FONSECA & FILHOS, LDA.

Rua 19 N.º 275 — Telefone 920412 — ESPINHO

AGRADECIMENTO

José Augusto Bastos

A Família vem por este único meio agradecer a todas as pessoas que de qualquer modo, as acompanharam neste doloroso momento, bem como as que se dignaram assistir à Missa do 7.º Dia.

Fernando Santos Ferreira e Silva



AGRADECIMENTO E MISSA DO 7.º DIA

Sua esposa, filha e genro e restante família agradecem muito reconhecidos as pessoas que assistiram ao funeral e a Missa do 7.º Dia que se celebrou na Igreja Paroquial de Silvalde — Espinho.

« DEFESA DE ESPINHO »

Preços de Assinatura Anual	V. Aérea	V. Normal
Portugal Continental e Ilhas Adjacentes		150\$00
Angola e Moçambique	368\$40	181\$20
Austrália, África do Sul, Rodésia, U.S.A. e Venezuela	472\$40	254\$00
Brasil	399\$00	181\$20
Alemanha e Luxemburgo	295\$60	154\$00
Espanha		181\$20
França		254\$00
Columbia		254\$00
Macau		254\$00

HORAS DE EXPEDIENTE: De segunda a sexta-feira das 14,30

às 19,30 horas e aos Sábados das 9 horas às 12,30 horas

Cupão de assinaturas

Nome
 Morada
 Localidade Telefone
 (recortar e devolver preenchido acompanhado de cheque ou vale de correio)
 Desejo uma assinatura de «DE» a partir do n.º pelo período de 12 meses (anual).
 Data / / Assinatura

Sociedade de Investimento Turísticos da Costa Verde, S. A. R. L.

CONVOCATÓRIA

De acordo com o preceituado no art.º 18.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral da Solverde — Sociedade de Investimentos Turísticos da Costa Verde, S.A.R.L., para reunir, em primeira convocatória e em sessão ordinária, no próximo dia 31 de Março de 1976, pelas 21,30 horas, no Salão Nobre do Grande Casino de Espinho, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Apreciação, aprovação ou rectificação do relatório e contas do conselho de administração relativamente à gerência do ano de 1975;
- 2 — Discutir e deliberar sobre quaisquer assuntos de interesse da Sociedade;

Como condição para o ingresso dos accionistas chama-se a atenção para o disposto do artigo 12.º dos Estatutos.

A prova de accionista poderá ser feita por registo das acções na Sociedade ou por apresentação de documento bancário comprovativo de depósito de acções em qualquer instituição bancária.

Não comparecendo o número suficiente de accionistas para a assembleia funcionar, fica desde já, nos termos do Estatuto, feita a segunda convocação para o dia 15 de Abril de 1976, à mesma hora e no mesmo local.

Espinho, 24 de Fevereiro de 1976.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,
Amadeu Morais

Compra-se em Espinho

Casa em estado nova, independente, com 3 quartos; quarto de banho, sala comum, cozinha e garagem.
 — Resposta ao Apartado N.º 96 —

Aluga-se em Espinho

Sala em local central, própria para escritório
 Resposta a este jornal a «Castro»

FÁBRICA PROGRESSO

Manuel Francisco da Silva & C.a, L.da

Esmaltagem — Alumínio — Fundição

Serralharia mecânica e civil

Louças esmaltadas e de alumínio — fogões a gaz

Banheiras esmaltadas — Placas esmaltadas

Cofres — Ferros de engomar

Exportação para o Ultramar

Tele { gramas: FÁBRICA PROGRESSO
 P . P . C . 92 00 27 e 92 02 57 — ESPINHO

Vendem-se andares para habitação

RUA 31, N.º 192

c/ 3 quartos, sala comum, 2 banhos, cozinha, arrumos e garagem
 Informa: SOCIEDADE CONSTRUTORA IDEAL DE ESPINHO, LDA.
 Ângulo das Ruas 18 e 21 — Telefone 920642

Domingos Couto & Filho, Lda.

BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Escritório — Rua 18, N.º 1004 — Telefone, 920528

Armazém — Rua 8, N.º 1019 — Telefone 922203

ESPINHO

TRIBUNAL DA FAMÍLIA DO PORTO

Anúncio

2.ª Publicação

Acção de Divórcio N.º 633 da 1.ª Sec. Autor — José Ferreira Lopes, Rua dos Moinhos, 391 — Porto.

Ré — Prudência de Oliveira, com último domicílio conhecido em Anta — Espinho.

Fica citada a ré para, no prazo de vinte dias, decorrida a dilação de trinta dias, a contar da última publicação do anúncio contestar, querendo, a acção supracitada, proposta com o fundamento da alínea F) do art.º 1778.º do Código Civil.

Espinho 20 de Janeiro de 1976.

O Juiz Corregedor,

Brochado Brandão

O Escrivão de Direito,

António Nascimento Seixas

Defesa de Espinho — N.º 2285 — 25-1-76

Trespasse

Trespasa-se o Pronto a Vestir

Rua 16 n.º 485 — ESPINHO

Para qualquer ramo de negócio, com cerca de 200 m² de área

Contactar com Alfaiataria Elegante

Rua 19 n.º 225 — ESPINHO

ESPINHO DISCUTIU A CRISE FINANCEIRA

Muitos associados do Sporting de Espinho compareceram na assembleia geral expressamente convocada para debater o problema financeiro do campo da Avenida.

Dois aspectos foram salientados durante a sessão: o que foi referido como o pouco apoio dado pela Associação de Futebol de Aveiro ao clube (permitindo a marcação de um jogo para Ermesinde e não patrocinando um aumento de 50 por cento no preço dos bilhetes) e a necessidade de vedar o campo de jogos da colectividade, decisão já tomada em anterior reunião, mas que ainda não foi concretizada por falta de possibilidades monetárias, como referiu o presidente Marçal Duarte.

Para que o «Avenida» seja vedado, foram eleitas várias comissões angariadoras de fundos, tendo sido possível recolher no momento, entre ofertas e compromissos, mais de 40 contos.

Entretanto, foram unanimemente aceites três sugestões, que procuram eliminar a crise financeira que se pode verificar: pagamentos voluntários de lugares cativos e cotas adiantadas e a realização de um sorteio.

Entretanto, sobre a vedação, pensa-se, caso a firma à qual já foi adjudicada a obra entregue a tubaria a tempo, realizar, no próximo domingo uma confraternização da massa associativa no próprio Campo da Avenida, para se proceder a diversos trabalhos, como seja a abertura, em cimento de 12 maciços, acto «emoldurado» por um lanche regional, de confraternização entre os associados do clube.

Golfe

PROVA «EXTRA»

Nos «greens» do Oporto Golfe Clube realizou-se um torneio denominado «Prova Extra», disputada em «Singulares». Por pancadas com abono Joaquim Miranda foi o vencedor, seguido por Manuel Rocha Pereira. Resultados: 1.º Joaquim Miranda, 66 pancadas; 2.º Manuel Rocha Pereira, 69; 3.º Maria Manuel Costa Basto, 69; 4.º Basílio Sousa Pinto, 70; 5.º Nuno Burstoff Silva, 70; 6.º Anselmo Silva, 71; 7.º eng.º José Mena e Jorge Matos, 72; 8.º eng.º Soares Cardoso, 73; 9.º Renata Stuve, 73; 10.º eng.º Ireneu Pais, 73.

TAÇA DELAFORCE

Na final da Taça Delaforce Richard Wall venceu Amadeu Andrade no penúltimo buraco.

«Placar» de resultados

FUTEBOL

Juvenis
SCE, 1—ÁGUEDA, 1

Iniciados
BEIRA MAR, 1—SCE, 3

HÓQUEI EM CAMPO

Honra
VILANOVENSE, 1—AAE, 0

Reservas
AAE, 0—Porto, 2

Juniores
AAE venceu Vilanovense por falta de comparência.

VOLEIBOL

Feminino
SCE, 0—FLUVIAL, 3
CARVALHOS, 0—AAE, 0

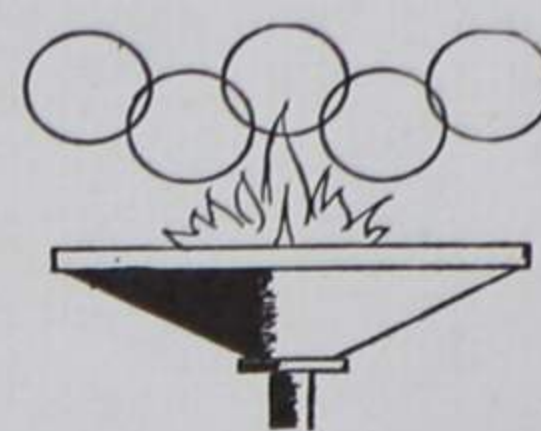
Nacional da III Divisão
ESCOLA DE MILHEIRÓS, 2—A. A. E., 3

Regionais do Porto (Juniores)
SCE, 2—MADALENA, 3

Iniciados
SCE, 3—MADALENA, 0
AAE 3—OLIVEIRENSE 0

III Divisão
PAROQUIAL 9—SCE, 13

DESporto



Intervalo

Volta a falar-se no estádio municipal. Um grupo de desportistas espinhenses, abalança-se a arrancar com a iniciativa. Terá, naturalmente, de haver congregação e apoio de sectores diversificados.

Pode parecer que esta coisa de se pensar num estádio municipal (hoje em dia) estará fora de propósito. Aflorarão, na boca de muitos, determinadas prioridades noutros aspectos.

De facto existem.

Todavia, uma coisa não invalida a outra. Seria contraproducente parar, ou não concretizar isto ou aquilo, só porque aqueloutro ainda não existe.

Um estádio municipal, considerando a importância do factor desportivo nas sociedades modernas, é uma necessidade. Também o é, numa cidade como Espinho (num concelho como Espinho), de grande potencial como centro físico-desportivo.

Ao pensar-se num estádio municipal, não estamos a lembrar-nos do relvado para o futebol. Que é importante. Que é indispensável. E o futebol é o desporto mais requerido neste país. E daí não vem mal ao mundo, como muitos julgam.

Ao pensarmos no «municipal», lembra-nos sim de todo um complexo desportivo (certamente a fazer por fases) capaz de proporcionar inigualáveis condições para as práticas desportivas dos espinhenses.

E a actividade física e o desporto são, indubitavelmente, uma das utilíssimas e mais valiosas ocupações dos tempos livres. Se ainda fosse preciso testemunhá-lo, lembraríamos a recente palestra-comício sobre a «droga», onde o Dr. Jaime Milheiro salientou a importância das práticas desportivas, na ocupação das horas de lazer, para combater a tendência de entrada nos caminhos tortuosos da «droga».

O estádio municipal, complexo desportivo multifacetado, dando hipóteses a desportos básicos, beneficiando outros, rasgando horizontes formidáveis ao Espinho — grande-centro-potencial-de-desporto é uma necessidade.

Oxalá que, a breve trecho, possamos estar a aplaudir a concretização da obra. Para bem da juventude. Para bem do desporto. Para bem de Espinho. Para bem da Sociedade.

Carlos Sárria

Da Checoslováquia, com missão bem cumprida, regressou (feliz) a caravana voleibolística do Sp. Espinho

Feliz, saudosa, cansada, porém consciente com a certeza de ter cumprido a sua missão social e desportiva — na qualidade de representante espinhense e portuguesa — em longínquas terras da Europa Oriental e Ocidental, chegou na passada terça-feira (eram 9,30 horas), ao Aeroporto de Pedras Rubras a caravana voleibolística do Sporting de Espinho, mais os acompanhantes ao todo 28 pessoas.

Ambiente espinhense no Aeroporto, com o Eng. Arménio Gomes, como vice-presidente das Actividades Amadoras do S.C.E., a receber a caravana, entre manifestações de alegria e abraços dos familiares, acompanhado de Valdemar Bodas, chefe de Secção de Voleibol e de vários outros dirigentes sportinguistas.

Festa autêntica, as primeiras trocas de impressões, as explicações naturais, sobretudo em relação ao merecimento do «set» brilhantemente conquistado com contentamento espalhado em todos os rostos — dos que chegaram, dos que ficaram —, transmitiram um calor muito «vareiro» ao terminal aéreo portuense.

Apenas, como sempre, a falta incompreensível, intolerável, criticável das entidades desportivas, federativas (António Rijo, Vice-Presidente, esteve não em missão oficial) e associativas da modalidade como da televisão e órgãos da comunicação social, porquanto era uma embaixada portuguesa que foi representar o país num certame europeu, embora não se tratasse de um grande Clube, no sentido materialista da palavra grande e que levaria à aerogare câmaras e «repórteres».

Também, não demos pela presença de um elemento representativo da nossa Câmara Municipal, quer à saída, quer agora à chegada marcando a presença que segundo a nossa óptica, até se justificava.

Enfim, nem por isso o regresso da caravana foi menos feliz, como, nem por isso, ela deixou de cumprir, social e desportivamente, a missão, honrando Espinho e Portugal. Porém, há certas coisas que não deviam falhar.

E, num ápice, já que não houve problemas alfandegários, a comitiva pôs-se a caminho de Espinho, com todos ansiosos por aspirarem o ar salgado da nossa terra — que, para lá de tudo, é sempre a nossa querida terra — para conviver com mais familiares e amigos, depois de 5 dias de ausência, 10 mil quilómetros de voo, 10 horas de avião, com 3 países visitados e uma confraternização sócio-desportiva que se recordará pela vida inteira com a satisfação de se poder afirmar: missão cumprida.

C. S.

Atletismo

Eis a verdade...

Modalidade amadora das mais populares e completas que já se viu, resurgiu a cargo do NAASCE (Núcleo dos Amigos do Atletismo do S. C. de Espinho).

Porquê este renascimento?

Sim, nós que víamos praticar desporto em determinadas condições, apercebemo-nos que certos sectores davam uma visão errada da realidade que ele o é. Logo daí, não nos esquecemos que havia toda uma juventude que iria interessar-se pela sua prática, de molde a que venha a ter a imagem da meta, que se pretende alcançar. Sei que não se vai realizar uma obra de fachada, porque isso não resultaria. Mas, existem objectivos primários que não se podem esquecer, para que o Atletismo se mostre um desporto aberto, admirável e emotivo, não se apresentando desgarrado, vicioso e doentio, negações desse mesmo desporto.

Eis a verdade de que o Atletismo, interessará à grande parte da população, quer: organizando, correndo, lançando e participando; isto sem dúvida o que temos para oferecer, dentro do nosso espírito, a todos os que desejem pertencer ao NAASCE, desde as camadas jovens às adultas com o devido interesse.

Paulo Malheiro

Futebol

2.ª DIVISÃO
ZONA NORTE

ESPINHO, 4
MARINHENSE, 2

Jogo no campo «Carlos Osório», em Oliveira de Azeméis, por estar interdito o Campo da Avenida. Árbitro: José Gomes (Porto). CARTÃO VERMELHO: José João (aos 48 m., no prolongamento da primeira parte).

ESPINHO — Abrantes; Ribeirinho, Washington, Gonçalves e Raul; Sila e João Carlos; Meireles (Eduardo, aos 50 m.), Adilson (Telé, aos 52 m.), Hélder e Malagueta.

MARINHENSE — Vítor; Zeca, Orlando, Santos e Jacinto; Ofélio (Quim, aos 55 m.), e Vélhinha; José João, Evaldo, Ribeiro e Vítor Manuel.

Ao intervalo: 2-2. Marcadores: Adilson (aos 38 m.), Evaldo (aos 39 m.), Sila (aos 42 e 89 m.), Ribeiro (aos 48 m.) e Meireles (aos 50 m.).

Espinho e Marinhense disputaram, em Oliveira de Azeméis, uma excelente partida de futebol, com uma primeira parte de nível primodivisionário. No entanto, (ainda no prolongamento do primeiro tempo) far-se-ia a história da partida: José João contestou vivamente o golo espinhense. Primeiramente, o árbitro mostrou-lhe o cartão amarelo, tendo-se seguido o «vermelho». Ai, ficaria quebrada a resistência marinhense.

Em vantagem numérica na segunda metade do encontro, o Espinho conseguiu colocar-se na posição de vencedor, imediatamente após o reatamento. Apesar disso, os homens da Marinha Grande dobraram-se em esforços, procurando tapar os caminhos que levassem à baliza de Vítor. O tento da confirmação (e da tranquilidade) surgiu apenas a um minuto do fim do encontro.

Num jogo bem disputado, José Gomes esteve em bom plano.

MANUEL DE OLIVEIRA DEIXA O SP. DE ESPINHO

O técnico de futebol dos espinhenses, pediu a rescisão amigável do contrato, com o intuito de ir ao que parece, para o serviço do Farense. A Direcção esteve reunida na 4.ª-feira, até tarde, tendo chegado a acordo com Manuel de Oliveira, que abandona o seu cargo no fim do mês.

ENSINO

a) CICLO PREPARATÓRIO

Em 3/7/75, recebemos da firma, Antunes, Correia & Costa, Lda, um ofício comunicando que no dia 31 de Agosto de 1975, terminava o contrato de arrendamento celebrado entre a Câmara e aquela firma, do prédio onde funcionava o Liceu Nacional de Espinho. Posto o assunto à consideração da Câmara, na reunião ordinária de 5/7/75, esta deliberou: «Consultar o Ministério de Educação e Investigação Científica sobre o assunto, e entretanto, oficiar aos interessados no sentido de obter a sua concordância para o prolongamento do contrato caso se venha a verificar a sua necessidade».

Em 19/7/75, recebemos da Escola Preparatória de Sá Couto a exposição que, dada a sua relevância, passamos a transcrever:

«À presença de V. Exa. trazemos o seguinte assunto de modo a que a Câmara Municipal de Espinho, dentro das suas possibilidades, possa contribuir para a sua solução:

1. — Em 1974/75 esta Escola ocupou os edifícios denominados «Sede» e «Anexo» sítos nas ruas 21 e 19 respectivamente.

2. — No ano lectivo referido encontravam-se inscritos 1.427 alunos que superlotavam as salas disponíveis nesses edifícios a tal ponto que, na generalidade dos tempos lectivos, não havia salas vagas.

3. — Cremos dever ser considerado, também o facto de algumas das salas que tivemos necessidade de utilizar não possuíam condições satisfatórias, uma por deficiência de iluminação, outras por se situarem sobre oficinas de Trabalhos Manuais — com as consequentes perturbações provocadas pelos inúmeros ruídos resultantes dos trabalhos officinais — e outros casos, até por serem salas bastante frias e húmidas.

4. — Para o ano lectivo de 1975/76 prevê-se um aumento de matrículas, em relação ao ano agora findo, na ordem das 200/300 a que corresponde um acréscimo de 7/10 salas.

5. — Pelo que acima se diz, verifica-se que esta Escola não possuirá instalações suficientes para o número de turmas que terão que ser formadas.

6. — Assim, e ao sabermos que o Liceu Nacional de Espinho está em vias de mudar para novas instalações e dado que o seu edifício se encontra bem próximo da sede desta Escola — o que, a podermos utilizá-lo evitaria muitos problemas de colocação quer de professores (com curtos intervalos que lhes permitam passar de edifício para edifício) quer principalmente, dos alunos (que não teriam de atravessar ruas de grande movimento, situação sempre perigosa tratando-se de crianças de 10/12 anos).

7. — Solicitamos da Câmara que V. Exa. superiormente dirija que considere a nossa situação na ocupação futura do antigo Colégio de S. Luís».

A fim de habilitar a Câmara a tomar uma deliberação sobre o assunto, remete-

Tem a palavra a C.M.E.

mos cópia deste ofício ao Director dos Serviços de Programações e Instalações da Direcção Geral de Administração Escolar, acompanhado de um ofício onde se dizia: «Desconhecendo completamente quais as providências tomadas por esses Serviços quanto ao futuro alojamento dos alunos, muito grato ficaria se V. Exa. se dignasse informar, com a brevidade que o assunto requer, o que se lhe oferece dizer sobre o meu ofício n.º 2652/75 de 7 do corrente, endereçado a essa Direcção Geral.

Lembro que este ofício se referia à renovação ou rescisão do contrato de arrendamento celebrado entre a Câmara e os Srs. Antunes, Correia & Costa Lda. do prédio onde vem funcionando o Liceu de Espinho.

Em 23/7/75, recebemos novo ofício da Escola Preparatória de Sá Couto informando:

«Em complemento do nosso ofício 641 de 17/7/75 informamos V. Exa. que, decorrido o período normal de matrículas, nos encontramos, neste momento, com inscrições para a criação de 60 turmas, número susceptível de ser aumentado pois decorre ainda um período de matrículas em que o aluno pagará uma pequena multa.

Ora, no ano lectivo de 1974/75, tínhamos 48 turmas que superlotavam as instalações de que dispomos pelo que V. Exa. pode verificar a absoluta necessidade de podermos contar com pelo menos mais 10 salas.

Desta maneira e porque em breve teremos que requisitar professores para o próximo ano lectivo, solicitamos de V. Exa. que nos seja prestada informação, tão breve quanto possível, sobre a possibilidade de essa Câmara nos poder ceder instalações do Colégio de S. Luís, de preferência, ou de outras que se adaptem à função a que se destinam.»

Como a Direcção Geral de Administração Escolar continuasse sem responder as solicitações por nós feitas, o assunto foi posto, novamente, à consideração da Câmara na reunião de 2-8-75 que deliberou: «A Câmara considerando que no dia 31 de Agosto de 1975, caduca o contrato de arrendamento com a firma Antunes, Correia & Costa, Lda., proprietária do edifício onde funcionou o Colégio de S. Luís e presentemente ocupado pelo Liceu de Espinho, considerando que foram efectuadas várias diligências, junto das entidades competentes do Ministério de Educação e Investigação Científica, no sentido de ser definida a posição sobre o assunto deliberou insistir junto dessas entidades, para se pronunciarem urgentemente sobre o assunto».

Em 5 de Agosto remetemos cópia da acta da Câmara e insistimos, de novo, com a Direcção dos Serviços de Programações e Instalações para que definisse o que se devia fazer. Não responderam.

Em 26/8/75, a poucos dias do termo do contrato de arrendamento e sem sabermos se o Liceu continuava ou não a ocupar as instalações do antigo Colégio de S. Luís, enviamos um telegrama dizendo: «Câmara de Espinho sem resposta seus ofícios números 2652, 2726, 3008, 3087 respectivamente de 7, 10, 22 de Julho, 5 e 13 de Agosto carece urgentemente resposta a fim poder decidir tempo oportuno». Desta vez também não responderam.

Em 9 de Setembro remetemos outro telegrama dizendo: «Demora verificada acarreta impasse esta Câmara caducidade 31 de Agosto findo contrato arrendamento instalações Liceu sem possibilidade Município definir continuidade esse arrendamento já ultrapassado».

Finalmente este telegrama e as constantes solicitações telefónicas decidiram a Direcção Geral a enviar a Espinho o Exmo. Senhor Eng. José Jorge Mendes Gonçalves a fim de se inteirar do problema. A Câmara manifestou a urgência de se encarar a construção de um edifício próprio para o Ciclo Preparatório, pois não faz sentido que as aulas venham funcionando em instalações dispersas e com um encargo para as débeis finanças municipais da ordem dos 30 contos mensais. O Senhor Engenheiro, com o melhor espírito de colaboração, contactou com os proprietários do Colégio da Nossa Senhora da Conceição e prometeu por o assunto à consideração superior, de modo a poderem ser aproveitadas as instalações daquele Colégio e a área de expansão circunvizinha. Deste contacto com a Câmara resultou o ofício que abaixo se transcreve, emanado da Direcção Geral da Administração Escolar:

«Em confirmação dos contactos directos havidos com V. Exa. solicita-se que a Câmara Municipal proceda à renovação do contrato de arrendamento do edifício do antigo Colégio de S. Luís, onde funcionou a sede do Liceu Nacional de Espinho, a fim de fazer face às necessidades de ampliação das instalações da Escola Preparatória.

O prazo de prorrogação do contrato deverá ser encarado pelo menos por mais um ano lectivo, prevendo-se que até essa data esteja concretizado o problema das instalações definitivas do ensino preparatório.

Considerando que a Escola Preparatória virá apenas parte do edifício, julga-se de toda a conveniência um acordo entre a Câmara Municipal e a Comissão Directiva da Escola de modo a permitir que os restantes espaços venham a ser utilizados para resolver algumas das necessidades locais do ensino primário.»

Posto o assunto à consideração da Comissão Directiva da Escola Preparatória, esta respondeu:

a) *Necessita este estabelecimento de ensino, de utilizar a partir do próximo ano lectivo, de todo o edifício, onde tem estado a funcionar o Liceu Nacional de Espinho, sito na Rua 28 ângulo da 29.*

b) *Informamos ainda, que em contacto telefónico com o Eng. Gonçalves do M.E.I.C., o mesmo informou, que o assunto poderia ser resolvido a nível local.»*

Em virtude da necessidade acima manifestada, o edifício foi cedido, pela Câmara

ESPINHO ANTIGO

MANUEL LARANJEIRA

1912 — 1918

Seis anos! Seis anos são decorridos após o falecimento dessa figura gigantesca que em vida sem chamou Manuel Laranjeira. Ao traçar estas linhas não é tenção nossa descrever o que foi o autor de Naquele engano d'alma... esse temperamento nevrotico e errequieto, que ás ultimas horas do dia 22 de Fevereiro de 1912 foi ao encontro da Morte com uma bala suicida, tragica ou libertadora, atravez da sua vida accidentada e incerta.

Não! Relembra-lo como critico de arte e literatura, polemista, sociologo ou dramaturgo é tarefa demasiadamente dificil para as... nossas limitadas forças que tão somente pretendemos prestar á memória deste querido morto a mais simples e sincera homenagem de que se julga devedora a nossa indelevel saude.

Espinho, esta terra que ele havia adotado como sua, deve-lhe bastante pelo muito que ele pugnou pelo seu engrandecimento, lutando sempre e sem desânimo, ainda que certo ele não conseguir o objectivo em vista.

Do «Oceano» de 24 de Fevereiro de 1918.

Apontamentos do

Alfarrabista Vareiro

Amadeu Morais
Amadeu J. Morais

ADVOGADOS

Espinho — Rua 20 n.º 412
Telef., 920273

Porto — Praça Guilherme Gomes
Fernandes, 38-1.º — Telef., 27138

ra, à Escola Preparatória, após a renovação do contrato de arrendamento.

Ultimamente a Câmara voltou a ser socilitada, pela Comissão Directiva da Escola, no sentido de interceder, junto do proprietário do «Palacete da Pena» a fim de ser permitida a utilização do terreno contíguo ao referido Palacete para recreio dos alunos. O proprietário do terreno Exmo. Senhor Jorge Gaspar Coelho prontamente acedeu ao pedido permitindo a sua ocupação, enquanto não lhe destinar outro fim, e sem qualquer encargo para a Câmara.

É com muita satisfação que manifestamos o nosso reconhecimento pelo elevado espírito de compreensão e colaboração demonstrada por este Senhor em todos os contactos havidos com esta Comissão Administrativa.

Espectáculo Cultural

No Salão Nobre do Grande Casino de Espinho

Banda de Música de Espinho

dirigida pela maestro José Custódio da Silva Gonçalves e com a colaboração do Grupo Coral Académico de Espinho dirigido por Ramon Miravall apresenta:

1.ª Parte

— Vaireira de Fausto Neves;
— Marcha «Flores de Espanha», de Pascoal Peres Chovi

— Taurédi Abertura, de Rossini
— De Cadiz a Tânger, de Miguel de Oliveira

— José Eloí, Fantasia de José Eloí.
Pelo Grupo Coral:

Ronda e Mãe Preta, de Lopes Graça.

2.ª Parte

Vivandeira, de Mozart

Pela Banda:

Minuetto, de J. Haydn
Largueto, de R. Schmonn — pelo trompetista de Harmonia Carvalho

La Boda de Luiz Alonso, Zarzuela de Gimenez

Alcobaça, Canção
Seleccção Pop n.º 1, de Amílcar Moraes.

Entrada grátis.

Comissão de Turismo

ESPINHO

SEMANÁRIO
AVENÇADO